

MALDITO MINÉRIO

A. F. CASEIRO MARQUES



1999

MALDITO MINÉRIO

António Francisco Caseiro Marques é natural de Carapito, freguesia do concelho de Aguiar da Beira, onde nasceu há 48 anos.

Licenciado em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, exerce a profissão de advogado em Vila Real.

Esteve ligado à criação de diversos jornais, sendo, neste momento, Director do quinzenário NOTÍCIAS DE VILA REAL, que se publica nesta cidade, desde Setembro de 1998. Cronista, colaborador de vários jornais e revistas, publicou em 1996 o seu primeiro livro, a que deu o título de CRÓNICAS COM CANELA, SAL E PIMENTA, uma colectânea das suas muitas crónicas versando temas políticos.

MALDITO MINÉRIO é a sua primeira novela.

Escrever um livro é que já não é para todos. Só os que têm o dom da palavra ou o dom da escrita, aliado a um razoável nível de cultura geral o poderão fazer. É o caso presente.

O autor, ao escrever esta novela, revelou um

alto espírito de observação pois as suas descrições da natureza são autênticas fotografias, nada lhe escapando. Através da janela do comboio ou nas andanças do Francisco, conseguiu gravar primeiro e depois transpor para o papel tudo o que havia de belo na Natureza. Depois de começarmos a sua leitura jamais conseguimos parar até chegar à última página, pois nos agarra e transporta suavemente com elegância, com respeito e prazer.

Augusto Osório

(Professor primário do Autor)

Apresentação em Carapito

A novela “Maldito Minério” retrata, de maneira fluente e cativante, a ansiedade e a ambição desmedidas da sociedade campestre de tempos não muito recuados da nossa história.

O Dr. Caseiro Marques emoldura, todavia, estas histórias da sua novela de todo um ambiente campestre que descreve à minúcia e retrata com precisão.

Fala das silvas, das giestas e dos tojos que escondem o campo de volfrâmio como se das mais belas e perfumadas flores de um jardim se tratasse.

Descreve a viagem através do coração da Beira Alta, com tal encanto e suavidade, que acaba por nos transportar para dentro do comboio e por nos fazer sentir também viandantes, a observar minuciosamente a paisagem em redor e a viver intensamente todos os acontecimentos e peripécias do momento.

Termina com uma cena, deveras comovente, e também denunciadora e crítica, do pouco, quase inexistente, desenvolvimento do nosso Portugal dos anos 40.

Dr. Marques Pinto

Apresentação em Aguiar da Beira

Ao meu Pai e à minha Mãe

PÓRTICO

Estamos perante um humilde trabalho, baseado, na sua maior parte, em factos históricos, com algumas personagens verdadeiras, uma ou outra ainda viva, que não deixará de se rever em alguma das peripécias aqui relatadas. É evidente que alguns desses factos, embora situados aproximadamente na mesma época, foram deslocados no espaço e, necessariamente, romanceados, o que lhes pode ter retirado ou acrescentado aspectos não conformes à realidade. Contudo, aí, foi a minha liberdade de ficcionar - que muito prezo - a permitir-me estabelecer um nexo o mais coerente possível com o tema - minério - procurando dar conta das muitas agruras, das alegrias, dos trabalhos e canseiras, bem como dos exageros de que o português é capaz.

Entendi oferecer a primeira edição de “Maldito Minério” ao Clube Cultural e Recreativo de Carapito, a minha terra natal, como forma de contribuir para as comemorações do seu XX aniversário e, acima de tudo, para, embora modestamente, homenagear todos os carapitenses que se têm empenhado no desenvolvimento da sua terra e como forma de reforçar a componente

cultural do clube, que muito valorizo, para que, por seu intermédio, se continue a exaltar a fama dos nossos antepassados, de modo que não se varra da nossa memória e possamos ser seus dignos continuadores da história há milhares de anos iniciada neste recanto beirão.

O livro é dedicado ao meu pai e à minha mãe pelas razões que a sua leitura desvendará e em virtude de comemorarem, neste ano, as bodas de ouro do seu casamento.

O Autor

CAPÍTULO I

Entrou na carruagem de terceira classe. Era a primeira vez que andava de comboio. Algumas vezes o tinha visto em Vila Franca ou em Celorico, quando ia levar chulipas para a linha ou regressava das suas viagens à feira do Jarmelo.

Os bancos estavam quase todos ocupados. Havia um lugar junto à janela, sensivelmente a meio da carruagem. O outro lugar era ocupado por uma senhora de meia idade. Com o lenço na cabeça, embrulhada no xaile, toda vestida de preto, não escondia a sua tristeza.

- Boa tarde.

- Boa tarde - respondeu a senhora.

Sentou-se e acomodou o alforge, a única bagagem que transportava, pousando-o no chão, entre as pernas.

Olhou para o exterior, através da janela fechada, e logo o vidro ficou embaciado, tal era o frio que fazia.

Às quatro da tarde, o sol de inverno descia já, amarelo, em direcção à linha do horizonte, envergonhado, por entre nuvens grossas.

Para além da plataforma, observava os

choupos e amieiros que ladeavam as duas margens do Mondego, que corria ali, ao lado da estação.

Uma ligeira neblina, por debaixo das nuvens, cobria as colinas que se estendiam até perder de vista, subindo gradualmente as encostas da serra.

O comboio preparava-se para partir. Os passageiros haviam já ocupado os seus lugares. Lançou um último olhar para a estação, que lhe ficava à direita. Ao bulício de há pouco, seguiu-se o espaço vazio. Uma ou outra pessoa aguardava, no cais, o sinal de partida, para dizer um último adeus a algum familiar que seguia, linha abaixo, para o Porto, Coimbra ou Lisboa. Eram os destinos principais da maioria dos passageiros. Os cestos com hortalíça, ovos, queijo, pão de centeio ou milho acompanhavam agora os seus donos, empoleirados nas redes dos porta-bagagens da carruagem, dispostas a todo o comprimento, por cima das cabeças dos passageiros.

Lá à frente, ouviu-se, vindo da rua, o toque esganiçado de uma corneta. Respondeu-lhe um silvo agudo, depois outro e ainda outro.

As oito carruagens deram um primeiro sacalão, parecendo voltarem a imobilizar-se.

Da rede, caiu um cesto mal arrumado, de onde se escapuliu um anafado coelho branco, que,

de tão manso, foi prontamente agarrado pelo dono.

Apesar do semblante carregado, Francisco esboçou um sorriso, pelo caricato da cena. Para os seus botões, pensou em quem iria pôr os dentes no branquinho. Algum médico de Coimbra, um juiz do Porto ou um fidalgo de Lisboa. Não era para o dono, com certeza.

O comboio amarelo iniciara, entretanto, a marcha, muito lentamente, resfolegando que nem um desalmado, libertando vapor a rodos e espalhando o fumo negro em redor, cobrindo de fuligem a máquina ofegante e os tectos das carruagens ferrugentas e carcomidas pelo tempo.

Apesar da cor amarelada do exterior das carruagens, era triste este comboio. Seria por ser Inverno, por se aproximar a noite...

Os edifícios da estação começaram a passar ao lado do comboio. No cais, havia acenos calmos de adeus. O chefe da estação foi o último a ficar para trás, com a bandeira bem levantada na mão direita. Um acre e forte cheiro a fumo de carvão, misturado com vapor, penetrou na carruagem, fazendo tossir alguns dos cerca de oitenta passageiros. Francisco tossiu também. Embora habituado ao fumo da lareira, este era muito diferente, mais áspero, penetrando violentamente nas narinas e causando

um pigarro incomodativo na garganta.

O comboio entranhou-se pela serra, coberta de pinheiros, giestas e outros arbustos mais pequenos, entremeados com grandes maciços graníticos. De vez em quando, ouvia-se um silvo estridente que ecoava pelos vales ou se alongava pela linha, atingindo a cauda da composição, através da enorme vala aberta na rocha, onde havia sido assente a linha.

As carruagens balançavam lateralmente, enquanto se ouvia o matraquear ritmado das rodas sobre os carris, chiando irritantemente, nas curvas mais apertadas.

O rio continuava a correr lá em baixo, à esquerda, guardado fortemente pelos freixos, plantados nas margens, constituídas por lameiros de feno bravo.

Aqui e além, um ou outro rebanho de ovelhas pastava docemente, enquanto, debaixo da palhoça, o pastor se defendia das primeiras gotas da chuva que, entretanto, começara a cair.

A Serra da Estrela, lá longe, começava a desaparecer, encoberta por nuvens grossas e negras, indiciando a tempestade. A chuva salpicava já os vidros das janelas, escrevendo traços grossos, que disfarçavam os defeitos de fabrico e a fuligem,

acumulada ao longo de muitos anos, sem verem um pano que a limpasse.

Dentro da carruagem, tão-pouco a limpeza se fazia sentir. O chão estava negro e meio a desfazer-se nos corredores. O vidro parcialmente partido de uma janela, a meio da carruagem, deixava entrar o frio e a chuva. Aquecimento não havia. Alguém se lamentava que não havia direito que as carruagens da 1ª e 2ª classe, que seguiam lá à frente, fossem aquecidas e limpas. Era um sujeito alto, de barbas bem aparadas, nos seus trinta e poucos anos, denotando algum à-vontade. Ia acrescentando a meia voz para os seus companheiros mais próximos:

- Aquecimento, só para os cães grandes!

Francisco estranhava esta linguagem. Para além de nunca ter andado de comboio e não saber o que se passava nas demais carruagens, não havia sido educado para tratar ninguém daquela forma.

Os seus horizontes limitavam-se a cerca de cinquenta quilómetros em redor da sua terra. Ia a Moimenta, a Lamego, a Foz - Coa. Frequentava a feira do Jarmelo; passou, certa vez, pelo Sabugal e pela Guarda. Em Pinhel, assentou praça por volta de 1905. Era Verão. Chegou ali à noitinha, depois de um dia inteiro a caminhar. Ao fim da manhã do dia

seguinte, estava despachado. Aproveitou para visitar a cidade, que não era muito grande. A população rondaria naquele tempo as cinco mil almas. Seja como for, as suas fortificações antigas, as muralhas e a torre do castelo impressionaram-no. Pareceram-lhe maiores que as de Trancoso. Tinham-lhe dito que ali tinha vivido o primeiro Bispo de Pinhel, numa altura em que foi criado o Bispado com sede naquela cidade, corria o ano de 1770. Ora, o tal Bispo era originário da sua terra, pertencendo à família dos Beltrões, em cuja casa, agora pertencente à família Sá e Melo, ainda se podia observar o quarto do Bispo, como foi construído na época. Francisco tinha estado também uma vez em Trevões, lá para os lados da Pesqueira, onde havia um bruxo famoso, que foi consultar por causa de umas maleitas teimosas que o andavam a apoquentar.

Esfregou as mãos calejadas e gretadas, ajeitou o casaco e cruzou os braços sobre o peito para se tentar defender do frio, que entrava, juntamente com a água da chuva, não só pela janela com o vidro partido, mas também pelas inúmeras frinchas abertas no tecto e paredes da carruagem. Aliás, o das barbas, meio por necessidade, meio a gozar, abriu mesmo um guarda chuva, para se proteger de

uma ou outra gota que caía do tecto.

Fechou-o, contudo, apressadamente, mal entrou na carruagem o revisor.

Todos os passageiros começaram a remexer nos bolsos e bagagem à procura dos bilhetes.

Francisco puxou da carteira, guardada cuidadosamente no bolso interior do casaco, e procurou o bilhete. Quando se preparava para o mostrar ao revisor, gerou-se uma forte e estranha corrente de ar no interior da carruagem, que lhe tirou o bilhete das mãos. Levantou-se, apressadamente, e foi no seu encalço, ao longo do corredor, em direcção à porta de saída. Teve sorte, porque, nesse momento, entrava um soldado vindo da casa de banho e, com a botifarra, pisou-o, segurando-o. O soldado sorriu amavelmente, levantou a bota devagar e retirou debaixo dela a folhinha de papel, entregando-a ao seu dono, que não ganhou para o susto.

Francisco endireitou-se, respirou fundo, agradeceu ao soldado e dirigiu-se calmamente para o seu lugar. Reparou que a sua companheira de banco o observava, medindo-o de alto a baixo, mas desviando o olhar, quando, embaraçadamente, se apercebeu que os olhos a denunciaram.

Mas ela também observava aquele homem

que seguia a seu lado, até aqui tão calado, ar triste, olhando curiosamente para tudo quanto se passava lá fora e dando, ao mesmo tempo, tanta atenção ao que se ia passando dentro da carruagem. Era afinal um sujeito bem posto, vestido com o seu casaco e calças de burel castanho, camisa branca, botas pretas com sola de pneu. A forma humilde de vestir contrastava com a dignidade do seu porte. Alto, bem parecido, olhos profundos, boca bem rasgada e expressiva, o nariz ligeiramente adunco e um tudo - nada torto para o lado direito. O chapéu preto, alto, sem dobras, dava-lhe um aspecto ainda mais sóbrio. Não se descompôs quando o bilhete lhe fugiu das mãos, levado, afinal, pela aragem fria que entrou por um buraco existente no chão da carruagem, destapado por um dos passageiros ao retirar a maleta onde havia guardado o seu título de viagem.

Francisco regressou ao seu lugar, acomodou-se e após o revisor ter examinado o bilhete, guardou-o no bolso direito das calças, enquanto aquele lhe lembrava que tinha de mudar de comboio na Pampilhosa.

- E quanto tempo demoramos? - perguntou.

- Pode seguir à-vontade. Sai ali quase toda a gente. Não se preocupe.

Ficou mais sossegado.

Não se atrapalhava facilmente, mas era a primeira vez que saía de casa para uma viagem tão longa.

A gravidade do acontecimento nefasto que atingira a família obrigou-o a sair de casa e ir até Coimbra. Era pai. Fez o que lhe competia.

CAPÍTULO II

Era quase noite. A chuva aumentara de intensidade. Francisco lançou mais uma vez o olhar à montanha, que se movia por entre as árvores, lá ao fundo, envolta na neblina húmida, na chuva e na bruma da noite que se aproximava. Depois, olhou furtivamente, para a sua companheira e, recostando-se no banco duro de madeira, fechou os olhos.

Mil e uma imagens, desencontradas, passaram-lhe pela cabeça. Ficara viúvo havia quatro anos. A mulher, depois de lhe dar oito filhos, não ficou para o ajudar a acabar de os criar. A mais nova tinha na altura 12 anos. Os últimos anos foram para ele um verdadeiro martírio. No dia anterior à sua morte, a mulher encheu bacias de sangue à mistura com coágulos, água e sabe-se lá que mais. Filhos e netos choraram-na amargamente. Glória, de seu nome, foi para Deus. Francisco rezava-lhe pela alma todas as noites e agora, que mais uma vez a desgraça lhe tinha batido à porta, pedia-lhe baixinho, que intercedesse junto de Deus, para que tudo corresse bem. Bastava de acidentes e doenças.

A família tinha sido muito atingida nos

últimos anos.

É claro que tinha-lhe Deus dado bastantes filhos, todos sãos e escorreitos. E vingaram todos, o que já era uma proeza. Nem todos se podiam gabar disso. Em Carapito, como em todas as aldeias de Portugal, a mortalidade infantil atingia níveis elevadíssimos. As crianças de tenra idade morriam às dezenas. Em quase todas as aldeias, era rara a semana que não morresse uma criança. Então, nos meses de Verão, sucumbiam com facilidade, por causa do calor, da desidratação, da falta de higiene. Faziam-se os funerais dos anjinhos com as outras crianças da aldeia. A acompanhar, apenas o pároco e os familiares da criança falecida. Para os mais velhos de entre a criançada, o funeral de um anjinho era um acontecimento quase banal, tal a frequência com que se realizavam. Disputavam mesmo a vez, para ajudarem a pegar na pequena urna branca, que era transportada desde a casa da criança até ao cemitério, por entre campos cobertos de milho, batata e centeio, atravessados por caminhos estreitos e pedregosos, em cujos limites floresciaam as mais diversas espécies de plantas: roseiras, malmequeres, madressilvas, entremeadas com silvas, ortigas e cravos selvagens.

Não eram dolorosos estes funerais. Tudo

convidava a aceitar aquela morte, com resignação. Servia de consolação aos pais e irmãos mais velhos o facto de, segundo a doutrina, os anjinhos irem directamente para o Céu. Lá poderiam interceder junto de Deus pelos seus familiares. Se ainda não estavam baptizados, aceitava-se de bom grado, que permanecessem no limbo. Era um sítio um bocado esquisito, de concepção rebuscada e difícil explicação, para aquelas cabecinhas pueris. Mas não valia muito a pena contestar essa ideia. Aquilo que se aprendia na catequese não era questionado. Era assim e pronto! O Céu e o Inferno convinha entendê-los bem, para que, cada qual escolhesse o sítio para onde queria ir, quando morresse. Quanto ao resto, não interessava muito ir além do simples acreditar, sem grandes questiúnculas.

Naquele tempo, havia mulheres que pariam uma média de uma criança por ano. Famílias com sete ou mesmo uma dúzia de filhos não eram tão raras como isso. Mas muitas mulheres, entre mortos e vivos, podiam chegar ao fim da vida procriativa com vinte e tantos partos.

Não foi o caso de Glória. Receberam de Deus os filhos que lhe deu, criaram-nos a todos como puderam. Não havia muita fartura, mas também nunca passaram fome. Havia sempre pão e batatas,

o que já não era nada pouco. E quando o leite para amamentar falhava, recorriam ao leite de cabra e de vaca. Era vê-los crescer.

A guerra que, segundo diziam, se desenrolava lá para a França e Alemanha, também já fazia sentir ali os seus efeitos, mas era nas cidades que a população sofria mais, com as senhas de racionamento a imporem restrições enormes na despesa familiar.

Nas aldeias, havia a horta, a salgadeira, a arca cheia de centeio ou milho.

No ano em que Glória morreu, foram obrigados a manifestar a produção de milho, por causa do contrabando. Mas a fiscalização nunca tinha funcionado em condições. Porque havia agora de exercer a sua acção com mais afinco...?

Francisco tinha feito bom dinheiro. Ainda antes de manifestar o milho, lembrou-se de esconder algum. E se bem o pensou, melhor o fez. A história só foi conhecida anos mais tarde. Os filhos mais pequenos bem se admiravam com o constante vai-e-vem, durante a noite, entre a casa de família e a casa do Matias. Mas não chegaram a descobrir o que se passava. Ainda bem, porque havia uma coisa que a guarda sabia fazer. Era perguntar aos garotos se o pai tinha milho em casa.

Pois Francisco tratou de encher a lareira da cozinha, que ficava abaixo do soalho uns bons quarenta centímetros, com umas dezenas largas de alqueires do precioso cereal. Depois, pregou-lhe por cima umas tábuas de soalho e cobriu tudo com uma carrada de feno bravo.

Transformada a casa do Matias em palhal, quem se ia lembrar que estava ali armazenada uma boa quantidade de grão, que serviria para alimentar a família durante o inverno e ainda daria para ganhar algum dinheiro.

Eram tempos difíceis aqueles. Safavam-se os mais aptos para enfrentar as agruras da vida e aqueles que tinham discernimento suficiente para retirar proveito das contrariedades, que a organização da sociedade da altura lhes apresentava.

E como em tempo de guerra não se limpam armas, tudo servia para lutar contra a miséria e a fome. E quantas vezes a desgraça de uns constituía a oportunidade de outros enriquecerem. O que acontece sempre em tempos de crise.

Agora, o que estava a dar era o contrabando. Contrabandeava-se tudo. Mas a força desta actividade estava virada para o minério. A safra clandestina e os furtos de volfrâmio, muitas vezes

perpetrados por responsáveis das minas, alimentavam muitas famílias. Muitos enriqueceram, à custa de negócios chorudos e, se tivessem sorte, podiam transmitir aos seus descendentes abundante pecúlio.

Foi o que aconteceu - segundo ouviu contar - com o José Gomes, de Galegos. Certo dia, andando a guardar as vacas lá para os lados de Linteirão, num lameiro, lembrou-se de começar a erguer um monte de pedras para se sentar, enquanto o ganau pastava.

Eis senão quando se lhe deparou uma bonita pedra de volfrâmio. Já lhe tinham passado pelas mãos muitas toneladas de minério, mas, naquele instante, foi percorrido por uma corrente estranha que o pôs a suar em bica, nervoso e um tanto atarantado com a sua descoberta. Até ali tinha explorado minério nos terrenos de outras pessoas. Nunca tinha imaginado que naquele local pudesse existir minério e com aquela qualidade.

Munido do cajado, começou a esfurunconchar na terra, levantando os torrões. Apanhou uma segunda pedra, uma terceira e muitas outras se lhe deparavam a cada levantamento da terra húmida.

Apesar dos seus quinze anos, o José Gomes já tinha passado por muita coisa, tinha vivido muitas

aventuras.

Escondeu as pedras, cobrindo-as com torrões. Não podia dar a conhecer o seu achado, nem permitir que alguém desconfiasse que ali havia minério.

Regressou a casa à noitinha e, mal guardou as vacas na loja, dirigiu-se ao pai que, não muito longe, acomodava uma jumenta que havia lá em casa.

O pai, homem humilde, ligado à agricultura, sem visão comercial, incrédulo quanto a enriquecimentos de supetão, preferiu ignorar o achado. E quando o filho lhe pôs a hipótese de explorarem o minério, respondeu-lhe que tivesse juízo. Ia agora dar cabo de um lameiro tão bom, que lhe fazia tanta falta. Era ele que lhe fornecia o palhal de feno para dar ao gado nas longas invernias, quando a neve os impedia de abrir a porta da loja para levarem os animais ao pasto.

Os devaneios do filho podiam sair-lhe caros, de modo que a conversa terminou ali.

O José Gomes, contudo, era muito determinado. Naquela noite, não pôs olho. Passou-a em claro, olhar fixo nas telhas do casebre onde dormia, com outros dois irmãos mais pequenos, enquanto ouvia a chuva a cair.

Passaram-lhe muitas ideias pela cabeça.

Imaginou-se um grande comerciante, rico. Podia comprar a casa dos fidalgos que estava à venda. E compraria também a Quinta de Baixo. Naqueles lameiros, podia pôr vinte ou trinta vacas a pastar. Era o fim da miséria em que viviam. Mas, com um pai assim, o que é que ele podia fazer.

As horas custaram muito a passar.

Começou a amanhecer. A claridade entrava, de mansinho, pelos buracos existentes no telhado. A seu lado, os irmãos dormiam, alheios às suas preocupações.

O galo cantou a primeira vez, meio a medo. Como obtivesse resposta imediata de um vizinho, repetiu o gargarejo, agora mais forte. De repente, outros se ouviram mais longe.

Quer fosse pelo cantar dos galos ou por outra razão qualquer, teve uma ideia luminosa. Pelo menos para ele seria a solução do seu problema. Iria falar com o seu padrinho, o tio Carlos da Bica. Contava-lhe o que se passara e pedia-lhe para ele falar com o pai, para o deixar explorar o minério, nem que tivesse de pagar uma renda.

Resolveu pôr-se a pé. Vestiu-se apressadamente, enfiou os tamancos nos pés, e dirigiu-se ao Linteirão. Localizava-se o lameiro num local afastado do povo.

Ainda era cedo. Não encontrou viva alma pelo caminho. Ainda bem. O segredo é a alma do negócio e não queria que qualquer olho indiscreto viesse a saber o que se passava. Ia ver se tudo estava como no dia anterior.

Já próximo, saiu do caminho, embrenhou-se num giestal e, chegado à borda deste, pôs-se de longe a observar o local do seu achado. O sol começava a lançar os primeiros raios, por entre as nuvens, naquela manhã húmida e fria.

O lameiro estava bem escondido entre o giestal e os pinheirais. O lugar era pouco frequentado. A maior parte dos terrenos circundantes eram baldios, abandonados, cobertos de mato denso. Constituíam um bom refúgio para os lobos que, de vez em quando, faziam razias nos rebanhos de Galegos e das aldeias circundantes.

Atravessou o lameiro e, disfarçadamente, passou ao lado do sítio onde tinha encontrado o minério. A chuva tinha lavado a erva. Não havia quaisquer vestígios de ter sido mexida a terra.

Regressou pelo mesmo caminho e foi direitinho à casa do padrinho.

O Carlos da Bica era um lavrador abastado. Pessoa muito considerada, com jeito para o negócio. Tinha estado no Brasil, no início do século. De lá,

havia regressado com bastante dinheiro. Não lhe foi difícil comprar terras e construir uma boa casa em granito, com um grande pátio, aonde se acedia por uma grande porteira em ferro. Ao fundo, existia um cabanal onde guardava a lenha e as alfaias agrícolas. O gado dormia nas lojas, debaixo da habitação. A escada que conduzia ao primeiro andar terminava numa grande varanda coberta com telha, assentando a armação do telhado em bonitas colunas redondas. Era a melhor casa da aldeia, a seguir à dos fidalgos, tanto mais que esta estava meio arruinada, por desgoverno do morgado.

Os criados desciam a escada com grandes caldeiros, cheios de vianda, para os porcos e para as vacas. Estranharam a sua presença ali, tão cedo, mas, tratando-se de quem se tratava, não houve mais conversas para além do normal cumprimento.

Mal chegava ao cimo da escada, assomou à porta o padrinho, esse sim, admirado com a presença do afilhado àquela hora.

À saudação habitual, constituída pelo pedido de bênção, que logo mereceu resposta positiva e a condizer por parte do padrinho, seguiu-se a manifestação de José Gomes em querer apresentar o seu projecto sem mais delongas.

O Carlos da Bica ouviu o seu afilhado com

atenção. No final, foi-lhe dizendo que não podia prometer nada, mas que falaria com o seu compadre. Convinha era manter segredo. Nos tempos que corriam, todo o cuidado era pouco.

Saiu dali o José Gomes todo satisfeito. Podia ser que o padrinho convencesse o pai a explorar o minério ou a arrendar-lhe o lameiro.

Passou o dia muito recatado, sem quase dirigir palavra a ninguém, muito menos ao pai, não fosse estragar tudo o que tinha combinado e lá se iam os seus projectos por água abaixo.

Durante a tarde, ainda voltou ao lameiro, tal era a sua ânsia ou medo que alguém descobrisse o seu segredo e se lhe antecipasse, fazendo alguma jogada. Apesar de se considerar muito responsável e audacioso, aos olhos do pai e, se calhar, de muita gente, não passava de um fedelho. Deslocou-se lá, errando por muito longe, passando em locais onde nunca tinha passado antes. Não havia motivos para alarme. Podia estar descansado, pois estava tudo como de manhã.

Seriam umas seis horas da tarde, já noite, quando regressou e se dirigiu a casa. Ao chegar à porta, ouviu vozes. Estavam reunidos na cozinha, ali junto à lareira, onde se discutiam os assuntos da família. Ouviam-se perfeitamente as vozes do pai e

do padrinho. Resolveu não interromper a conversa. O pai podia sentir-se traído e reagir mal à sua presença.

Ficou debaixo do alpendre, abrigado da chuva que caía insistentemente, tocada a vento.

Enquanto a mãe se afadigava com a ceia, os dois homens conversavam. O pai não estava muito convencido da bondade das palavras de seu compadre. Ia dizendo que não estava disposto a estragar um lameiro que lhe fazia muita falta e onde ainda no ano anterior tinha gasto mais de cem mil reis a endireitá-lo. Nem queria pensar nisso. Pelo meio foi referindo, por diversas vezes, o velho ditado “de pobre não passo, a rico não chego” e assim se desculpava perante o compadre. Que o estimava muito, mas que não lhe pedisse uma coisa dessas.

Era maior, contudo, o vigor posto pelo pai na defesa do seu lameiro do que a do padrinho quanto à insistência para ele explorar o minério.

Cá fora o José Gomes escutava tudo e começava a estranhar a atitude do padrinho.

Foi então que este propôs ao pai que até podiam explorar o minério à sociedade.

Ardeu-lhe o pelo ao José Gomes. Mas o pai mostrou-se irredutível. O outro insistiu e avançou

com a hipótese de o pai arrendar o lameiro ao filho.

Essa proposta, então, é que não poderia aceitá-la. Foi dizendo que o filho ainda era muito novo. Que não tinha a certeza de lá haver minério.

Bom. O pai não queria mesmo ceder.

Apreensivo, José Gomes tiritava de frio, debaixo do alpendre, mas apostado em não perder pitada da conversa.

Eis senão quando o Carlos da Bica propôs ao pai a compra do lameiro. Respondeu o pai que não o vendia por dinheiro nenhum e que tudo não passava de uma estupidez. E que o minério andava a dar a volta ao miolo a muita gente. Que nunca tinha pensado que o seu compadre estivesse também apanhado por aquela febre, que já tinha causado tanta desgraça.

Mas o Carlos insistia, cada vez com mais veemência, para que lhe vendesse a propriedade.

O pai começava a dar sinal de algum enfado. A conversa já tinha ido longe demais.

De repente, saiu uma proposta para a lareira.

O padrinho comprava o lameiro por quinhentos mil reis.

Respondeu-lhe o pai que nem pensasse nisso. Que era muito dinheiro, mas que não vendia.

Nova proposta aumentou o preço para

setecentos mil reis.

Retorquiu-lhe o pai, dizendo que devia estar maluco. Dar setecentos mil reis por um bocado de terra inculta, onde se ceifava um simples carro de feno em Julho e um pinheiro ou outro para queimar no inverno. Que nem pensasse nisso.

O padrinho sentiu que o compadre começava a fraquejar.

Para ajudar, a mãe do José Gomes, que até ali tinha estado calada, ouvindo a conversa dos dois homens, enquanto ia distribuindo uns pares de bofetadas nos dois ganapos mais pequenos, resolveu meter a colher, dizendo para o pai, que era melhor pensar bem. Que se o compadre estava assim tão interessado, porque não havia de vender..., e porque torna e porque deixa... Para os seus botões foi pensando no jeito que lhes fazia aquele dinheiro, para darem uma volta na casa. Mas que, também, se o compadre estava tão interessado, podia dar mais alguma coisa.

Funcionou aqui o sexto sentido das mulheres. A mãe apercebeu-se da fraqueza do compadre e conhecia bem o homem que tinha. Nunca se tinha metido muito nos negócios, mas o marido nunca deixara de a ouvir, quando se tratava de tomar uma decisão importante. E sabia que o marido também a

escutava, embora não fosse tão decidido como ela.

À porta de casa, José Gomes ouvia tudo, nervoso, sem saber o que havia de fazer. No fundo, o padrinho estava a traí-lo. Então tinha-lhe pedido para ele interceder junto do pai para este explorar ou deixá-lo explorar o minério e agora já queria comprar o lameiro.

É bem verdade que o dinheiro e o poder cegam.

Não, o padrinho não estava a proceder bem, pensava ele cá fora. Um homem tão considerado!...

Foi então que o padrinho, levantando-se e parando no meio da cozinha, apresentou aquilo que disse ser a última proposta:

- Compadre, dou-te oitocentos mil reis pelo lameiro. Nem mais um tostão.

Fez-se silêncio.

José Gomes apurou o ouvido, quase colado à porta, e começou a escutar o pai, que se levantara do banco.

- Bom, compadre. Vejo que está mesmo muito interessado no lameiro.

- E é verdade. - retorquiu, sentando-se de novo.

- Custa-me muito. Sabe bem que é uma das minhas melhores propriedades...

O Carlos da Bica endireitou-se no banco, enquanto acenava levemente com a cabeça, como que a querer confirmar tudo o que ouvia.

- Pois bem, compadre, eu...

José Gomes meteu a mão ao cravelho da porta e entrou de rompante na cozinha.

O padrinho ficou amarelo como a cera. O pai e a mãe fitaram-no com os olhos.

E o José Gomes, sentindo-se traído, revoltado, ignorou o padrinho e, virando-se para o pai, disse com voz firme:

- Por oitocentos mil reis, o lameiro é meu.

A mãe levantou os olhos para o filho, especado no meio da cozinha. O pai olhou-o com ar de admiração, enquanto o padrinho colocava as mãos nos joelhos e, perdendo a compostura, baixou o olhar na direcção da lareira, que crepitava abundantemente.

De repente, levantou-se e, meio a gaguejar, deu as boas noites, pediu desculpa a todos e saiu porta fora, desviando os olhos do afilhado. A mãe voltou à lide doméstica, depois de fechar a porta da rua, enquanto se despedia do compadre, dizendo-lhe que não fizesse caso do que se tinha passado.

- Mas onde vais tu arranjar oitocentos mil reis?

- Não se preocupe, meu pai. Amanhã terá o dinheiro nas suas mãos. Não se preocupe!

- Tu é que sabes... - respondeu-lhe o pai.

- E olha que será bem melhor vendermos o lameiro ao rapaz - sentenciou a mãe, com calma e discernimento.

- Pois então, está bem. O lameiro é teu.

Saiu o José Gomes, desabrido, embrenhando-se na noite.

Não precisou de ir muito longe. Tinha trabalhado muito no negócio do minério com o encarregado da mina de Rio de Mel, que também fazia contrabando. Este conhecia bem o rapaz. Sabia que podia confiar nele. Nem perguntou para que queria tanto dinheiro. Há coisas na vida que não se perguntam.

O certo é que, no dia seguinte, logo de manhã, mal o pai se levantou, estava o José Gomes na cozinha, sentado num banco, diante de uma grande fogueira, pensativo, mas com ar confiante. Pediu a bênção ao pai e pôs-lhe um saco de pano em cima da mesa, enquanto lhe dizia para contar o dinheiro.

Bem lhe custou agarrar o saco, abri-lo e pegar no dinheiro, mas não teve outro remédio. E, mal por mal, sempre a propriedade ficava na família. Por outro lado, ficou até orgulhoso pela determinação

do filho.

José Gomes não perdeu tempo. Nesse mesmo dia, começou a arrancar minério no Linteirão. À noite, foi a custo que conseguiu arrastar com uma saca às costas, onde transportava para cima de sessenta quilos de minério puro. Se assim continuasse, daí a quinze dias podia ir entregar os oitocentos mil reis a quem lhes emprestara.

Guardou o minério numa loja do pai e tratou de chamar quem o ajudasse, logo no dia seguinte.

Ao fim de poucos dias trabalhavam para ele três homens e duas mulheres. O lameiro estava esventrado. O minério foi sendo recolhido e vendido aos contrabandistas que operavam na região. A safra era clandestina e, por isso, feita com algumas cautelas. Mas a confusão era grande e quem tivesse coragem para se aventurar raramente tinha problemas. Além do mais, os guardas preocupavam-se mais com as denúncias dos locais de armazenamento. A descoberta de minério de contrabando é que lhes dava boa maquia. Na terra, não lhes servia de nada. Por isso, fechavam os olhos à apanha clandestina.

Certa noite, seriam duas da madrugada, veio um dos homens que trabalhava para ele, dizer-lhe que se viam luzes lá para os lados do Linteirão e

que lhe parecia ser no local da sua exploração.

Partiram os dois imediatamente, munidos cada qual de um varapau, e, chegados ao sítio, verificaram que, na verdade, andavam três sujeitos a cavar no lameiro, à luz de candeeiros de carbureto. Aproximaram-se lentamente e atiraram-se a eles. Só não aconteceu uma desgraça, porque, conforme o José Gomes disse mais tarde, tivera uma inspiração e temeu pela sua vida e pelo seu negócio. Os três ladrões, para além de umas pauladas valentes que, apesar de tudo, os deixaram num estado lastimoso, sangrando abundantemente, puderam partir. No entanto, antes de o fazerem, ficou o cabecilha avisado para se calar muito caladinho e entregar, dentro de quinze dias, duzentos mil reis, valor do minério que, segundo confessou, já tinha furtado nos dois dias anteriores. Eram os ladrões da Garganta e o cabecilha, um tal Zé da viúva, um desgraçado que já estava tísico por causa da silicose. Trabalhara nas minas de Vale das Gatas, lá para os lados de S. Lourenço, mas os pulmões pareciam uma peneira podre.

José Gomes prosperou, comprou quintas, construiu casas. Tinha uma boa vida, segundo ele contava, quando passava por Carapito, quer para fazer negócios, quer para ver os muitos amigos que

por lá tinha.

CAPÍTULO III

Francisco dormitava, enquanto todas estas cenas lhe passavam pela mente.

O comboio continuava a sua marcha lenta, arrastando-se pela noite escura como breu, as carruagens balançando violentamente e dando tamanhos solavancos, que parecia desconjuntarem-se ou quererem sair dos carris.

Até que começou a abrandar, chiando tristemente, parando no meio de um ermo, a linha ladeada de cômoros mais altos do que a carruagem, onde as giestas balouçavam violentamente, empurradas pelo vento.

A paragem foi curta. Logo a composição reiniciou a marcha. De novo, os silvos ecoando na noite e aquele resfolegar furioso de quem parece ganhar forças para uma corrida.

Francisco abriu os olhos. Do lado direito surgiu um pequeno edifício. Na parede, uma lanterna acesa era a única iluminação visível.

- O que é isto aqui? - perguntou delicadamente à sua companheira, fitando-a nos olhos, quando ela virou a cabeça.

- É a estação de Gouveia.

- Ah! Já ouvi falar. Muito obrigado.

Endireitou-se no banco, lançou um olhar à noite, fechou de novo os olhos e ficou-se, calmamente, a relembrar a história que, não havia muito tempo, lhe tinham contado, passada com o tio António da Adelina.

Andavam a remodelar a linha, substituindo alguns carris e todas as chulipas. De todo o lado, chegavam às estações de Fornos, Celorico e Vila Franca das Naves, carros e carros, puxados por possantes juntas de vacas e bois, carregados de chulipas de castanho e pinheiro.

O tio António tinha contratado fazer o transporte, para Fornos, de mais de quinhentas peças, vendidas pelo seu compadre José Alberto, da Quinta de Cima.

Ora, segundo contaram, o tio António ficou muito admirado com o comboio, quando foi a primeira vez à estação de Fornos. Metia-lhe alguma confusão o que contavam dele. Até tinha algum receio a tal besta, da qual já ouvira na sua terra o apito e o trilhar dos carris, em pancadas violentas, principalmente nos dias em que o vento soprava com força, dos lados da Guarda. Lá força ele devia ter, para se fazer ouvir à distância de três léguas e sobre duas serras. O bruto!

Descarregadas as chulipas, preparava-se para regressar, quando deu entrada na estação o comboio correio da manhã, que vinha de Vilar Formoso. Nem era tarde, nem cedo. Prendeu as vacas pela guia a um dos pilares do alpendre da estação e lá foi, curioso, até ao pé do comboio. Mediu-o bem com o olhar e admirou-se com o seu comprimento. Tinha para cima de cem metros. E a máquina! Negra como um tição. Da chaminé, saía um fumo espesso. No cais, era um reboliço. Eram caixas, sacos, cestos com queijo. Pessoas que entravam, algumas que saíam. Os que estavam nas janelas apreciavam também a cena.

Vai daí, lembrou-se o tio António de ir ver como era o “bicho” por dentro. Pôs o pé no estribo inferior, agarrou-se ao portão de ferro do varandim, e trepou. A carruagem estava quase vazia. Atrás dele entraram meia dúzia de pessoas.

De aguilhada na mão, foi caminhando, carruagem adiante, mirando e remirando tudo. Camioneta de carreira já tinha visto e andado uma ou duas vezes, na dos Araújo. Mas aquilo era diferente. Os bancos, em madeira, estavam anormalmente limpos. Devia ser uma carruagem nova, com bons estrados em madeira, para as bagagens. Havia até uma parte da carruagem com

os bancos virados uns para os outros. Um luxo...

No meio de tanta admiração e confusão, não deu conta que o comboio se tinha posto em marcha. Só se apercebeu disso, quando, olhando pela janela, viu a sua junta de vacas presa no largo da estação, a ficar para trás. Por instantes, quase entrou em pânico.

No entanto, vendo-se na companhia de outras pessoas, o passageiro involuntário recuperou a calma e, talvez pensando que a besta andaria mais depressa se fosse espicaçada, começou a bater com a aguilhada nos bancos e no chão da carruagem, enquanto dizia para quem o queria ouvir:

- Anda, amarelo! Quanto mais depressa fores, mais depressa venho!

Era então aqui, à estação de Gouveia, onde o tio António da Adelina queria chegar depressa, para mais depressa voltar para trás, a pé, até à estação de Fornos.

Um ligeiro sorriso perpassou pelo rosto de Francisco, enquanto recordava esta história do tio António.

Também ele carregara chulipas, para a estação de Vila Franca.

Juntavam-se em grupos, formando colunas de cinco e seis carros. Saíam ao pôr do Sol, para

fazerem a viagem de noite, aproveitando a frescura e retirando mais rendimento do esforço dos animais. Os carros chiavam, durante todo o caminho, vergados sob o peso dos mais de mil quilos de carga. Ainda não tinham sido inventadas as conquilhas, peças em ferro que, quando apareceram, eram adequadamente encaixadas nas chedas, de forma que o eixo, de freixo, rodasse de forma mais fácil e silenciosa, preso no meio das troitoiras.

Naquele tempo, usava-se o sabão quando se queria silenciar o cantar agradável, embora sofredor, de um carro de bois.

Conta-se que, na sua terra, se sabia quando os carregadores chegavam, noite dentro, a Trancoso, porque só nessa altura deixava de se ouvir o chiar dos veículos. Era proibido atravessar a vila, em direcção a Vila Franca, com os carros a cantar. Ai de quem violasse a lei. Os moradores não podiam ser incomodados.

Apesar dos solavancos, estremeções, silvos e arquejar do comboio e ainda do cheiro insuportável a fumo, à mistura com o frio que lhe gelara os pés sem que lhe valessem os coturnos de lã, que tão raramente calçava, Francisco julgou ter passado pelo sono.

Acordou estremunhado.

A seu lado, em toda a carruagem, reinava a calma e um silêncio quase absoluto. Um ou outro levantava-se para esticar as pernas, andando de forma cambaleante, no corredor ou para ir à casa de banho. O que seguia dois bancos à frente, do lado oposto, o das barbas, conversava animadamente com o vizinho, gesticulando abundantemente, enquanto procurava que os dos bancos situados à sua esquerda lhe dessem atenção. Estes olhavam-no meio estupefactos, incrédulos, silenciosos, sem um comentário.

Quem seria este fulano que falava tão provocadoramente alto, dizia mal do Governo e buscava o apoio dos seus ouvintes?...

CAPÍTULO IV

Colocou o alforge sobre os joelhos e retirou dele pão de centeio e um meio queijo de ovelha. A mesa improvisada estava posta. Com a navalha de Palaçoulo, que comprara, havia anos, em Foz - Coa, junto ao rio Douro, cortou um bocado de queijo e uma grossa fatia de pão.

- É servida? - ofereceu à sua companheira de viagem.

- Não. Muito obrigado. Ainda não tenho fome.

- Olhe que é queijo de ovelha. Coma uma mastiga!

- Eu sei. Muito obrigada. Vê-se que é de ovelha, pelo cheiro! - assentiu ela com um distante e enigmático sorriso.

- Olhe que ofereço de boa vontade.

- Bem! Então, vou aceitar um bocadinho só para provar.

- Coma! Coma! - disse enquanto partia, para ela, fatias avantajadas de pão e de queijo.

- Isso é muito!

- Olhe que não. Como este não se come todos os dias.

- Tem razão! - respondeu ela, enquanto dava a

primeira dentada na fatia do queijo. - É mesmo bom. Condiz o cheiro e o aspecto com o gosto.

- Foi a minha filha quem o fez.

- A sua filha?...

- Sim! A minha filha mais nova. Tem 16 anos.

- Normalmente são as mulheres que fazem o queijo.

Ela leu-lhe a tristeza no olhar.

Preparava-se para lhe perguntar a razão do seu pesar, quando Francisco continuou, dizendo:

- Pois é! Mas eu já não tenho mulher.

- Ah! Desculpe!...

- Não faz mal. É a vida! - retorquiu, olhando vagamente pela janela, noite dentro, como para recordar.

- E de onde é o senhor? - perguntou ela, um pouco timidamente.

- De Carapito de Aguiar - respondeu Francisco, olhando-a abertamente, ao mesmo tempo que ela, para comer, havia posto o lenço preto para trás da cabeça, seguro com o nó simples à frente, por debaixo do queixo.

Era uma mulher linda. O cabelo negro, levemente encaracolado, os olhos castanhos, denunciando alguma tristeza, sobrancelhas fartas mas bem desenhadas, grossas e compridas pestanas,

nariz fino, num rosto longo, queixo bem organizado sobre uma boca larga de lábios grossos. Sobre o peito, um grosso cordão de ouro com quatro voltas a enfeitar a blusa preta. Este adereço e as bonitas arrecadas, dependuradas nos lobos das orelhas, denunciavam ser uma mulher de posses.

Ao dar conta que estava a ser observada, baixou os olhos e, por instantes, deixou de mastigar. Levou a mão aos lábios e pigarreou, como se se tivesse engasgado ligeiramente. Depois recomeçou a mastigar.

Francisco apercebera-se do embaraço da senhora e, por momentos, ficou calado, olhando em frente, enquanto comia, gostosamente, o pão de centeio e o queijo.

Tinha realmente fome. Que horas seriam?...

Ganhou coragem e, sem olhar de frente para a sua companheira, perguntou:

- Que horas serão?

- Devem ser umas sete. Mas eu confirmo já, - disse enquanto metia a mão direita por dentro do xaile preto e puxava de um bonito relógio de ouro, preso a pesada corrente. - É. São mesmo sete menos um quarto.

- Então já estamos muito cá para baixo.

- Já sim, senhor! Acabámos de parar em Nelas

- respondeu, ganhando outra postura, mais à vontade, enquanto acrescentava: - Passámos vários apeadeiros e estações: Abrunhosa, Mangualde e outros.

- A senhora sabe ler?

- Sei sim, senhor!

- Olhe, eu não. Antigamente não se usava mandar os garotos à escola.

- Eu tive sorte. Fui servir para casa de uma tia minha, para o Porto. Foi ela que me pôs na escola.

- A minha filha mais nova também lê e escreve muito bem. Olhe que até lê livros e jornais para os mais velhos. Juntam-se todos em volta dela, no Verão, à sombra de uma parede, na hora da sesta; no inverno, à fogueira, ao serão. E que histórias ela lê! Também gosto de ouvir.

- Isso é muito bonito!

- Agora anda a ler a Rosa do Adro.

- Conheço. Já o li.

- E andou a ler, até há pouco tempo, As Pupilas do Sr. Reitor.

- Também já o li.

- Mas a senhora lê muito!

- Já li muitos livros. Tudo o que me chega às mãos.

Calaram-se neste ponto da conversa. Ela

acabava o pão e o queijo e pensava no companheiro de viagem curioso e interessante que tinha encontrado. Ele esqueceu-se, por momentos, das razões da sua tristeza e da sua viagem. Há muito tempo não tinha uma conversa tão aberta e franca com uma mulher. Ainda por cima uma desconhecida. Na aldeia, conversava, mas sobre os assuntos do costume: o tempo, a lavoira, o gado, os filhos. O ambiente de aldeia não permitia a um viúvo pôr-se a conversar tão aberta e francamente com uma mulher. Além do mais, quem é que dava conversa, para além do trivial, a um viúvo com tantos filhos, ainda que bem conservado, bem posto. Era pobre de bens, embora rico de outras coisas. Era alegre, gostava de se rir, de cantar. Mas desde há uns anos que as coisas não lhe corriam bem. Consolava-se, no entanto, aceitando os acontecimentos nefastos da vida, como sendo a vontade de Deus. Nunca se deu mal com isso.

Mas a conversa animou-o. Até esqueceu o frio que sentia, o fumo do carvão.

- E a senhora de onde é? - atirou, instintivamente, à sua companheira, enquanto cortava mais pão e queijo.

Esta estremeceu, olhou para ele e, retomando a calma, depois de encher o peito de ar, respondeu

docemente:

- Eu sou de Ílhavo.

- Ílhavo? Onde é que fica isso?

- Ali para os lados de Aveiro.

- E vem aqui de cima?

- É verdade - respondeu ela prontamente. - Venho de Rio de Mel, ali ao pé de Trancoso.

- Eu sei. Conheço muito bem Rio de Mel. É perto de Carapito. Então vai para o Porto?

- Não! Regresso à minha terra. Não estava a fazer nada em Rio de Mel. Estive lá um ano e nunca mais lá volto.

- Então, porquê? Fizeram-lhe assim tanto mal?

- Muito mal! - respondeu ela, secamente, enquanto a tristeza voltava a ensombrar o seu rosto de pele branca, lisa e sedosa. - Fiquei sem o meu marido. - acrescentou.

- Um acidente?

- Antes fosse. Nem sei o que se passou ao certo.

Ali tão perto e Francisco não sabia de nada. Não lhe tinha constado que os pregoeiros tivessem andado por lá a cantar desgraça recente, como era uso. A última vez que apareceram em Carapito fora há quase meio ano. Traziam notícias de um assassinato triplo, por causa de um romance

amoroso, lá para os lados das Antas, no concelho de Penedono. Foram os pregoeiros dos Carnicães, marido e mulher, ele tocando uma melodia triste na sua velha concertina e ela cantando languidamente, que trouxeram a versão romanceada e dramática do acontecimento.

- Admira-me muito não ter sabido de nada. Nem os cantadores apareceram a contar essa história - disse Francisco. - Os últimos que apareceram em Carapito, os dos Carnicães, contaram a história daquelas mortes que houve lá para Penedono. Ouviu essa?

- Não. Também não soube de nada.

- Então eu vou-lhe dizer as quadras. Quer ouvir?

- Conte, conte - respondeu ela, curiosa.

Francisco desfiou a história completa, recitando os versos mal amanhados:

“A tristeza de uma família
Só a sente quem a tem.
Num dia tudo sorri,
No outro só há desdém.

Ouvi aquilo que eu conto.
Prestai-me a vossa atenção,

Vou contar-vos uma história,
Do fundo do coração.

Descia o sol lá longe,
Por entre os pinheirais,
Quando se ouviram na aldeia
Horríveis e tristes ais.

E Francisco continuou a contar em verso, a história dos amores do António do Rio pela Teresa do Rossio. História como muitas outras, de ciúmes, inimizades familiares ancestrais, que não raramente levavam pais e namorados a enfrentarem-se, com consequências desastrosas.

As mães revelavam maior compreensão, mas os pais de família não se compadeciam com devaneios amorosos, a fim de não permitirem que a semente dos seus inimigos penetrasse nas suas casas.

Os namorados arranjavam maneiras de se encontrarem às escondidas dos pais, mas, quando as fugas eram descobertas, o drama era inevitável.

E Francisco continuou a declamação improvisada.

Abraçaram-se longamente,

Beijando-se com sofreguidão.
Enlaçados um no outro,
Entraram na escuridão.

Mas o pai atraído,
Contra aquela aliança,
Seguiu-lhes no encalço,
Em busca de vingança.

Felizes, os apaixonados
Fizeram o erro fatal.
Buscaram o seu refúgio,
No coberto dum quintal.

Qualquer lugar servia para os encontros
amorosos, embora a cabeça quente nem sempre
permitisse a escolha do mais seguro. Assim, mais
tarde ou mais cedo, o encontro era inevitável.

Surgiam os tiros, as pauladas, as machadadas.

E puxando de uma pistola,
Que levava escondida,
Disparou à queima-roupa
E a filha caiu ferida.

Avançou para o amante,

Que logo se defendeu:
Agarrou numa machada
E com ela lhe bateu.

Caiu o pai para o lado,
Contorcendo-se com dor,
Mas apostado ainda
Em pôr fim àquele amor.

Enquanto a filha gemia,
Amparada pelo amado,
Este tombou redondo,
Com um tiro fulminado.

Ali ficaram enleados,
Naquela noite invernosa,
Assim terminando, inglória,
A sua vida amorosa.

Continuou Francisco a declamar, enquanto à sua volta, se fazia silêncio e, circunspectos, os passageiros mais chegados escutavam atentamente aquela história dramática.

Não havia pregão que não terminasse com uma lição de moral e de bons conselhos, invariavelmente a puxar para o melado.

Vós, todos, que escutais
Esta história de terror,
Deixai que os vossos filhos
Encontrem o seu amor.

Esta vida são dois dias.
Há que vivê-la bem,
P'ra sermos bem recebidos,
Quando formos p'ró Além.

Esta era a maneira de fazer chegar os acontecimentos de outras terras. E era o ganha-pão de muitas pessoas.

Daí que Francisco tenha ficado admirado por não ter sabido da nada.

Curioso, atirou, com alguma consternação:

- Em Carapito, não soubemos da morte do seu marido.

- Foi lá para a fronteira de Espanha! Desapareceu...

- Contrabando?

- Contrabando de minério - respondeu ela, baixando a voz.

- Eu sei o que isso é. Dá dinheiro, mas é perigoso.

- Maldita a hora em que o meu homem se meteu nisto. Estávamos tão bem na nossa terra. Mas que quer... O meu homem sempre foi um aventureiro. Não podia estar quieto. Tinha bichos carpinteiros.

- Então, passava o minério para Espanha.

- Era. Principalmente o da apanha ilegal.

- E com quem trabalhava?

- Com quem havia de ser! Com o Sr. Ernesto Valente.

- Ah! Com o Ernesto da viúva! - exclamou Francisco, revelando conhecer bem a pessoa.

O Ernesto da viúva era assim conhecido por ter casado com uma viúva rica, de Trancoso, descendente de judeus e dona de um estabelecimento de roupas na Corredoura, onde se podia encontrar de tudo um pouco: o burel, a chita, a estopa, o linho e o algodão para a gente rica. Mas também as ceroulas já feitas, os chapéus, os capotes, passando pelos cintos e uns apetrechos modernos que alguns homens começaram a usar para segurar as calças, os suspensórios.

O Ernesto, um aventureiro dos lados das Freixedas, fazia a feira de Trancoso e tomou conhecimento com a viúva. Juntou-se a fome com a vontade de comer. E do conhecimento ao casamento

foi um passo. A viúva tinha dinheiro. O Ernesto era todo bem posto, solteirão, cheio de vida e de força. Não quis a viúva que o Ernesto continuasse a andar de terra em terra, a fazer as feiras. Mas também não era pessoa de estar fechada no estabelecimento. Conseguiu convencer a viúva a comprarem uma camioneta para o negócio. Ia a Celorico ou a Vila Franca buscar os tecidos despachados da Covilhã, quando não se deslocava ele próprio a Seia, onde comprava o material directamente nas fábricas. Jeito tinha ele para o negócio. Mas ao Ernesto sobrava-lhe muito tempo. Andou mais de um ano, para baixo e para cima, abastecendo o estabelecimento com todas as novidades. O negócio progredia. Nas visitas à sua terra, para onde transportava furões, que os espanhóis pagavam muito bem para caçarem coelhos, apercebeu-se que alguns rapazes do seu tempo enriqueciam a olhos vistos. O contrabando florescia. Passavam para lá volfrâmio e traziam roupas e tecidos, chapéus de Toledo e xales de Saragoça.

Numa das vezes, quando regressava a Trancoso com algum material de contrabando para o estabelecimento, tomou a decisão de se aventurar e mudar de ramo. A mulher continuava a vender tecidos. Até era uma maneira de disfarçar a sua

actividade. Se bem o pensou, melhor o fez. Expôs a ideia à patroa que, amiga do dinheiro como era, a aceitou, apesar de o alertar para os perigos. Mas, para o Ernesto, era tudo facilidade. E foi, pois, ainda agora ele andava pela zona, conduzindo a camioneta nova que, para se dedicar ao contrabando, foi comprar ao Porto. Era uma camioneta de caixa curta, resistente, com muita força, mas silenciosa. Passava na estrada e, à distância de cinquenta metros, quase não se ouvia o motor.

Foi na ida ao Porto que ele conheceu o marido da companheira de viagem de Francisco. Foi ela que contou, com melancolia no olhar, a saga do marido por terras trancosanas.

Vinha o Ernesto de regresso a casa e tinha acabado de passar a ponte D. Luís, em Vila Nova de Gaia, quando lhe apareceu um sujeito a pedir boleia. Reiniciou a marcha e, da conversa durante três longas horas, até à zona de Albergaria-a-Velha, onde o Ernesto teve de largar o passageiro, pois tinha de fazer a estrada do Vale do Vouga, em direcção a Viseu, resultou que este poderia ir ter com ele a Trancoso para o ajudar no novo negócio. E assim foi. Passados quinze dias, apresentou-se o altieiro em Trancoso, na companhia da mulher.

Logo o Ernesto lhes arranhou uma pensão e não perderam tempo. No dia seguinte, estava o Ernesto e o sócio na estrada, que é como quem diz, de terra em terra. De dia, contratavam a carga; à noite, passavam a buscá-la para a juntarem numa loja de gado, que a mulher do Ernesto possuía, no meio de uma quinta, à beira do caminho que descia para a Venda do Cepo.

Durante quase um ano, trabalharam bem e muito.

A guerra estava no auge. Os alemães compravam tudo o que aparecia. Depois de passar a fronteira, o volfrâmio era espanhol. Ganharam muito dinheiro em pouco tempo. Cheiravam o minério e iam busca-lo aos locais mais recônditos. No fundo, todos ganhavam. A guarda não chegava a todo o lado. Os regedores e os presidentes da Junta também se safavam como podiam.

Rio de Mel era a aldeia que mais minério fornecia. Foi lá que o Ernesto instalou o seu comparsa e a mulher, passado um mês sobre a sua chegada a Trancoso, numa casa da quinta dos Batocais, um sítio ermo, onde mal chegava a camioneta.

O minério era tanto e a procura tão grande, que poucas vezes atravessaram a fronteira.

Começaram a juntá-lo, em três ou quatro locais, e vendiam-no a outros contrabandistas, que possuíam verdadeiras frotas de transporte. A partir da meia noite, era observar dezenas de camionetas, por estradas secundárias e caminhos da serra, em direcção à fronteira espanhola.

Ernesto e o companheiro compravam minério em Sobral Pichorro, Queiriz, Venda do Cepo. Mas iam também a Aldeia Velha, Casteição, Beselga, Outeiro de Gatos e tantas outras aldeias da região, onde o dinheiro chovia a rodos. Havia pessoas a comprar ouro e mais ouro. Alguns compraram terras, quintas. Outros ganhavam-no de dia e gastavam-no à noite. Houve até quem, de rico, deitasse açúcar e bolachas na sopa. O pão - diziam - era para os pobres.

- Nunca viu o meu marido em Carapito? - questionou ela.

- Não. O seu marido não me lembro de o lá ver. Só lá vi o Sr. Ernesto duas ou três vezes. Sabe que isto é como em tudo. Carapito é zona do Altamiro, de Sezures. Dividiram o bolo. Assim comem todos. Uma vez por outra, violam o acordo, mas quando o fazem sabem o que lhes pode acontecer.

Ela sabia bem disso. Não falava com o marido

sobre os assuntos do contrabando, mas apercebia-se das conversas e dos negócios que fazia. O marido, embora aventureiro, era um pouco fechado. Não falava muito. Era homem de acção e poucas palavras. Viviam felizes, embora não tivessem filhos. Custava muito a ambos. Talvez por isso, de dois em dois anos, desde que se tinham casado, o marido ia para a pesca do bacalhau. Uma vida dura, segundo ela.

Francisco acenava com a cabeça. Imaginava que assim seria. Costumava até dizer que achava a vida do pescador mais dura que a do agricultor. Este sempre andava em terra firme.

E, já agora, curioso por saber a história questionou:

- Então o que aconteceu ao seu marido?

- Há um mês atrás, o meu marido e o Sr. Ernesto foram a Espanha levar uma camioneta de contrabando. A noite estava boa: chovia. Era o tempo ideal para a viagem. Mas alguém deve ter dado com a língua nos dentes e, lá para os lados de Vale da Mula, já na fronteira, quando passavam a vau a ribeira de Tourões, os guardas estavam à espera deles.

Parou por instantes, suspirou profundamente, e baixando ainda mais a voz, continuou.

- O meu marido conhecia mal aquilo. Quando ouviu os primeiros tiros saiu da camioneta, no meio da ribeira. A água era muita e foi arrastado pela corrente.

- Isso foi acuso! - exclamou o Francisco.

- Mais sorte teve o Sr. Ernesto. Conseguiu atravessar a ribeira. Regressou a Trancoso passado dois dias, por outro caminho, depois de mandar tapar os buracos das balas na carroçaria.

- Tenho muita pena da senhora. Os meus sentimentos.

- Muito obrigada. Ainda fui a Almeida e a Figueira de Castelo Rodrigo e até passei a fronteira em Almofala para saber notícias. Ninguém me deu razão dele. De maneira que regresso à minha terra sem o meu marido. Nem vivo, nem morto.

Duas grossas lágrimas desceram, lentamente, pelas faces alvas daquela mulher que, como lhe competia, seguiu o seu marido na sua aventura do minério, guardando dele boas recordações.

- Recebi algum dinheiro do Sr. Ernesto - uma boa pessoa, não desfazendo - que juntamente com a mulher, a D. Sara, me deu todo o apoio; vendi os poucos haveres que tínhamos comprado e aqui vou eu... - disse, arrastando saudosamente a voz.

Francisco tinha há muito guardado o pão e o

queijo no alforje, interessado na história que acabara de ouvir. Também por causa do minério ia ele ali.

O comboio passara, entretanto, por mais três ou quatro estações, que Francisco não identificou, nem perguntou o nome, não querendo perturbar o relato da companheira de viagem.

Ambos se quedaram num longo silêncio.

CAPÍTULO V

Bastante mais tarde:

- Onde estaremos? - questionou Francisco.

- Estamos perto de Santa Comba Dão - respondeu a companheira.

Francisco levantou-se, mostrando impaciência, respirando fundo e olhando para lá da janela do comboio, para o escuro da noite.

- O senhor está preocupado!

Francisco não respondeu. Absorto pelos seus pensamentos, nem ouviu a observação.

- Já aqui passei algumas vezes. Desde que vim cá para cima, fui à minha terra três vezes. Principalmente quando o meu marido ia para Espanha com o Sr. Ernesto, para não ficar na Quinta, sozinha. Mas algumas vezes também ficava com a D. Sara.

Francisco continuava a olhar pela janela, alheio por instantes ao ambiente que o rodeava.

O revisor entrou na carruagem, vindo da parte traseira.

Foi olhando, pedindo o bilhete dos passageiros, que tinham entrado depois da sua anterior passagem.

Quando chegou perto do das barbas este interpelou-o asperamente:

- Então a merda do aquecimento não funciona?

- Veja lá como fala. Vão aqui senhoras.

- Como é que falo? É sempre a mesma coisa. Esta joia nunca funciona.

- Eu vou ver o que se passa - assentiu o cobrador.

- Vá! Vá! Está aqui um frio de rachar. Será para poupar carvão ou é de propósito, para nos martirizarem. Muito suporta e sofre o povo. Se pensassem todos como eu... - disse com ar arrogante, embora moderando a linguagem.

O revisor continuou o seu trabalho e desapareceu pela porta da frente, não sem antes dirigir um olhar crítico ao das barbas, que continuou a tartamudear, agora quase em surdina. Ria-se para o seu companheiro de banco e gesticulava abundantemente.

- E o senhor? - perguntou a companheira.

- Eu? - disse Francisco, olhando para a sua companheira, um tanto espantado com a pergunta inesperada.

- Já sabe quase tudo dos últimos tempos da minha vida. Sabe bem desabafar - disse ela, mais

airosa.

- Tem razão. Eu também gosto de conversar. Mas nem por isso tenho conversado muito nos últimos tempos. Tenho sofrido bastante, como imagina.

- Há quantos anos está viúvo?

- Vai para quatro anos.

- Tão novo?

- É verdade. O destino pregou-me uma partida. Tem-me pregado várias partidas. - respondeu ele, olhando de relance para a sua interlocutora.

- Então para onde vai? - questionou ela de novo, curiosa e interessada.

- Vou a Coimbra. Tenho lá um filho no hospital.

- Doença grave?

- Não, um acidente. O minério...

- O minério?

- Sim, senhora. Na minha terra também se explora minério; já lhe disse há bocado.

- Ah! Sim!

- O meu filho Joaquim andava a arrancá-lo no Rei Moiro - um bom filão! - e caiu-lhe uma pedra em cima. Ninguém sabe muito bem como foi.

- Os acidentes acontecem de muitas maneiras,

infelizmente - respondeu ela em jeito de consolação.

- Levaram-no para Coimbra, há quatro dias. Vou lá ver como é que ele está.

- Vai ver que está bem. Não se preocupe.

- Eu não o cheguei a ver, mas disseram-me que vinha malzinho.

E, revelando grande tristeza, continuou:

- Agora que ele estava bem. Tinha vindo da tropa. E é muito trabalhador, o meu Joaquim.

- Pois é, o minério tira-nos a alegria, a felicidade e quantas vezes a vida. Olhe para mim. Dava-me tão bem com o meu marido. A vida sorria-nos, finalmente. Estávamos a juntar muito dinheiro. Ele era aventureiro, mas muito bom para mim. Nunca me faltou com nada em casa. E respeitava-me muito.

E de novo duas lágrimas quentes escorreram pelas faces rosadas da mulher. Puxou o lenço para a cabeça, lembrando-se que estava de luto recente.

- Eu tenho esperança de poder trazer o meu filho para cima comigo. Conhece Coimbra?

- Conheço sim, senhor. Estive lá, de uma vez, oito dias, com o meu marido onde foi para ser operado à barriga. Era do apêndice ou lá o que é. Afinal, não foi necessário. Passou-lhe a dor. Devia ser de outra coisa.

- Eu nunca lá estive. É a primeira vez que venho cá para baixo. É uma cidade grande?

- É bastante grande.

- Onde será o hospital?

- Deve ser o Hospital da Universidade. Se for esse tem de ir de comboio até dentro da cidade. Sai na baixa, junto ao rio Mondego.

- O rio Mondego?

- É. O rio Mondego passa em Coimbra. É uma cidade muito bonita. Sai na baixa, na estação nova. Depois pergunta que é melhor. Mas o hospital fica na parte alta, ao cimo de uma grande avenida.

O comboio começou a travar.

- Devem ser quase dez horas. Estamos a chegar a Santa Comba Dão - disse a senhora.

- Só ainda?

- O comboio pára em todo o lado. Vem sempre no pára e arranca. Máquinas velhas e muito peso.

- Está aqui outro parado.

- É o Sud-Express. Vem de Lisboa e vai para Madrid.

Francisco não disse nada. Não imaginava onde era Madrid, nem sabia que se podia ir de comboio até lá.

O Ângelo, o Sr. Matos e mais uns quantos de Carapito e dos arredores, que estiveram na guerra

da Flandres, tinham ido de comboio. Isso ele sabia, que lho tinham dito tanto um como o outro. Mas para Madrid, não sabia. E como de Espanha nem bom vento, nem bom casamento, pouco lhe interessava.

Mal parou o comboio, o das barbas foi à janela, abriu-a com força e espreitou para fora.

- Olha, estamos na terra do homem das botas.

Na carruagem todos olharam para ele. Sabiam lá quem era o homem das botas.

Perante o ar de espanto e dando conta que quase ninguém o tinha entendido acrescentou:

- É a terra do Salazar. Esse fascista! - rosnou, em voz baixa, fechando a janela e sentando-se no seu lugar para continuar a conversa com o seu companheiro, um homem simples, de poucas palavras, bengala nas mãos calejadas, um tanto andrajoso, que pouco respondia às tiradas do outro, mas sendo o único que o ouvia com alguma atenção. Grandes novidades lhe transmitia.

No comboio, há tempo para tudo e há gente com prosápia para iniciar uma conversa e nunca mais se calar, principalmente se tiver público.

Ninguém fez comentários às tiradas do das barbas.

Entraram três ou quatro pessoas, que

arrumaram as bagagens como puderam e se sentaram nos poucos lugares ainda livres.

Não tardou o comboio a pôr-se em marcha, primeiro lentamente, e depois ganhando embalagem. A linha devia descer, naquele sítio. Parecia que se desconjuntava tudo. As carruagens baloiçavam como nunca. Ouvia-se o apitar repetido da máquina. Uma ou outra bagagem caía com estrondo. A certa altura foi um cesto de verga que caiu no corredor . Abriu-se e lá se espalhou o conteúdo pela carruagem. Ovos partidos, chouriças, feijão branco, pão e couves galegas. Era boa a encomenda, mas estragou-se ali quase tudo. O dono não se conteve e invectivou o comboio e o maquinista, enquanto apanhava o que sobrara e ficara inteiro, deitando tudo, ao monte, para dentro do cesto:

- Filho da puta do comboio! Vai lá mais devagar com esta porra, carais!

Não o ouviu nem o comboio, nem o motorista, que parecia tentar recuperar algum do tempo perdido até ali.

- Agora a seguir é Mortágua. - informou, diligentemente, a senhora dirigindo-se ao Francisco.

- Sim, senhora! Já ouvi falar no juiz que mataram aqui em Mortágua. A senhora conhece a

história?

- Não conheço, não! - respondeu, voltando instintivamente a puxar o lenço para trás e olhando o Francisco com curiosidade.

- Dizem que ainda hoje não se pode perguntar quem matou o juiz.

Fez-se silêncio. Não era história que lhes interessasse por aí além. De modo que, passados escassos segundos:

- Então o senhor tem vários filhos?

- Tenho sim, senhora. A mais nova, a Prazeres, o Álvaro, o Ismael, o António, a Maria, o Manuel, o Joaquim e o Zé. O Zé é o mais velho. Já tenho dois netos. - retorquiu, com um brilho de alegria ténue nos olhos. E continuou, aproveitando o facto de ter ali alguém com quem podia desabafar, coisa que não fazia há algum tempo:

- Ainda tinha uma outra filha, a Madalena. Era uma rapariga linda, a minha Madalena. Tinha dezoito anos, quando morreu.

E a tristeza voltou a manifestar-se no rosto de Francisco, que ficou pensativo por instantes.

- Ah! E de que morreu, tão nova?

- Morreu afogada num poço. Uma história triste. Estava a ancinhar feijões e caiu ao poço. Não andava lá mais ninguém. Não se sabe como foi.

Quando a foram chamar, o corpo já boiava na água. Depois, tiraram-na e tivemos de esperar uma noite inteira, para que o delegado de Trancoso autorizasse que a levássemos para casa. Sofremos muito. Ainda o meu compadre Zé Tenreiro teve de se chatear com o cunhado, o professor José Paixão, que era o juiz de paz. Foi ele quem não deixou levá-la para casa. É meu amigo o meu compadre... - disse, convictamente. - Olhe que ainda hoje não fala ao cunhado. É dos tesos. Nunca me hei-de esquecer disso.

- O senhor também já sofreu bem.

- A quem o diz - respondeu com a tristeza estampada no rosto, enquanto, de novo, deitava o olhar pela janela, como que buscando no escuro o final da viagem, para continuar de seguida:

- Mas nunca perdi a boa disposição e a alegria. Tenho reagido bem. Que remédio! Tenho filhos e agora netos para criar. Em minha casa cantava-se muito. As minhas filhas cantavam muito bem. Dizem que saem a mim. A mais nova, então... É ela que começa os cânticos na Igreja. É muito alegre. E quando andávamos a trabalhar! A sachar o milho, a ceifar. Parecia um céu aberto.

Ultimamente não tem sido tanto assim. Tem sido demais...

Regressou o silêncio durante algum tempo.

O comboio passou em Mortágua e mais uns quantos apeadeiros e estações.

Com o calor da conversa, quase tinham ambos esquecido o frio que fazia dentro da carruagem.

Começou a notar-se alguma agitação.

- Estamos a chegar à Pampilhosa. É aqui que temos de sair - disse ela. - É quase meia noite. Vamos ter de mudar de comboio. Vem um do Porto que pára em Coimbra. Eu vou para cima, para Ílhavo.

Um ou outro passageiro começou a retirar a bagagem, embora o comboio ainda continuasse com uma velocidade elevada.

Repentinamente, entraram na carruagem, vindos pela porta da frente, três homens, bem vestidos, chapéu na cabeça.

Dirigiram-se ao das barbas. Um deles segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O homem mandou um encontrão ao que estava mais próximo, empurrou um outro e escapuliu-se, agilmente pela porta das traseiras. Os três intrusos correram em sua perseguição, num grande rebuliço, com passageiros a cair e bagagens espalhadas pelo chão. O comboio estava praticamente parado.

Pela janela puderam ver vultos que corriam do lado esquerdo, atravessando as diversas linhas de comboio.

- São da polícia. Vinham prendê-lo - sussurrou a companheira de viagem do Francisco, enquanto retirava alguma da sua bagagem da rede, no que foi prontamente ajudada por ele. Duas malas e um saco.

O comboio estava na estação. Aos poucos, os passageiros foram saindo, enquanto comentavam, entre dentes, o acontecido.

- Não tem juízo. Vinha a falar mal do Governo e do Salazar. Veja o que arranjou?... - sentenciou ela.

- E que mal tem isso?

- Não se pode. Há pessoas que não gostam. É preciso ter cuidado.

Francisco ficou-se. Aquilo, para ele, era novidade. Em Carapito, falava à vontade. E nunca tinha sentido necessidade de dizer mal de Salazar. Da guarda, sim. Agora do Governo e de Salazar...

Francisco pôs o alforge aos ombros, agarrou nas malas e saíram. Ela indicou o local onde tinha de apanhar o outro comboio. No cais, do lado oposto, estava já parado o comboio que ia para o Porto. Subiram os dois com a bagagem. Francisco colocou as malas no porta-bagagens, mal tendo

tempo de se despedir da sua companheira. Ouviu-se um apito longo e repetido. Só teve tempo de dizer boa noite, já de costas, enquanto se encaminhava para a porta da carruagem. O comboio já estava em andamento. Saltou para o cais. Virou-se a tempo de ainda ver, através da vidraça da janela, o rosto daquela que, durante uns pares de horas, lhe deu companhia, lhe alegrou o coração, o ouviu e escutou com atenção, ao mesmo tempo que também se abriu contando-lhe as suas mágoas.

Atirou o lenço para trás da cabeça e, sorrindo enigmaticamente, sem um gesto, lá seguiu viagem para a sua terra.

Francisco ficou ali, por instantes, meio confundido.

Depois, dirigiu-se para o interior da estação, no preciso momento em que o das barbas passava por ele, algemado, enquadrado por dois guardas republicanos.

CAPÍTULO VI

Dirigiu-se à bilheteira, para perguntar a que horas partia o comboio para Coimbra. Respondeu-lhe o funcionário, ensonado, que o horário era às quatro e meia da manhã, na linha número um. Aproveitou para comprar o bilhete. Pagou cinco escudos. Procurou a sala de espera. Era logo ali ao lado. Com muita luz, limpa e pouca gente. Entrou e sentou-se. Não tardou a ser interpelado por um funcionário solícito, que lhe pediu para mostrar o bilhete e lhe disse que a sala de espera de terceira classe era duas portas ao lado daquela.

Humildemente, levantou-se e lá foi à procura da sala de espera de terceira classe, depois de se desculpar para o sujeito dizendo que não sabia ler.

Duas portas ao lado, encontrou facilmente a sala que procurava.

Era grande e com um pé direito muito alto, paredes brancas e três míseros candeeiros de campânula pendurados no tecto. Davam uma luz mortiça, amarelada, o que transmitia ao local um ambiente soturno. Estava apinhada de pessoas. Muitos dormiam, outros conversavam,

animadamente.

Procurou um lugar vazio e foi sentar-se a um canto da sala, numa zona onde dormiam, deitados nos bancos, dois bêbados. Sentia-se pelo cheiro que exalavam. Não era o melhor sítio para passar o tempo até à chegada do comboio. Era, simplesmente, o único onde havia lugares para se sentar. Afastou-se, mesmo assim, o mais que pôde e ficou a pouco mais de um metro dos sapatos rotos de um deles. Não era só o cheiro a vinho que afastava as pessoas do local. Notava-se um acre cheiro a mijó e a trampa. Nas pernas descobertas, entre o que restava dos sapatos, que tinham de certeza calçado pés mais limpos, via-se o surro encardido. Sabe-se lá há quanto tempo não viam água. Francisco pensou para si que este devia ser um dos que fazia questão de só voltar a lavar-se quando fosse para o cemitério, para se apresentar limpo ao Pai do Céu, se tivesse a sorte de morrer em sítio onde encontre alguém que o lavasse. Estavam, na altura, difundidos a ideia e o costume que muitas pessoas só se lavavam, no dia do casamento e quando morriam. E era a pura verdade!

Olhou mais uma vez, com nojo, para aquele monte de esterco, de onde parecia andar arredada toda a dignidade e um pouco de respeito por si

próprio, levantou-se e foi sentar-se no meio da sala, no lugar deixado vago por uma mulher, que nesse preciso momento se levantara. De um lado, estava sentado um soldado que dormia com a cabeça apoiada numa malita castanha, que colocara sobre os joelhos. Do outro, sentava-se um velhote, embrulhado num capote de burel, sem gola, já bem coçado pelo uso. Na cabeça, um gorro de lã, com uma borla na ponta. Respondeu ao cumprimento, com um sorriso, deixando ver a boca desdentada, onde restavam dois dentes incisivos, num estado miserável.

- Estava a ver se ia ficar ao pé daqueles dois! - disse ele, com ar de quem tinha estado a gozar a cena.

- Porra! - respondeu o Francisco. - O sabão é caro, mas a água é de graça.

- Mas está fria! - retorquiu o velhote, dando uma sonora gargalhada, que fez despertar a atenção de meia dúzia de olhares.

- Para onde vai o senhor? - perguntou o velhote.

- Para Coimbra.

- Calha bem. Eu também vou.

- O comboio é às quatro e meia. - disse Francisco, como que a querer confirmar o horário e

o destino do seu interlocutor.

- É sim, senhor - respondeu o velhote, enquanto abanava a cabeça, em sinal de confirmação.

A conversa terminou ali. Durante algum tempo, Francisco lançou o olhar em volta, buscando talvez um rosto conhecido. É o que todos fazem, quando se sentem fora do seu ambiente, num mundo estranho. Olhou para o tecto, admirou os candeeiros. Luz eléctrica, em Carapito, ainda não havia. Sabia-se lá o que era isso. Usavam-se os candeeiros a petróleo, que mesmo assim já eram uma grande invenção. Antigamente o combustível era o azeite, ou melhor, as borras do azeite, porque também este era muito caro. E em Carapito contavam-se facilmente as oliveiras que lá existiam. Iam comprá-lo à terra quente. Lá para casa, quem o vendia, era o seu amigo Zé Gabriel, do Sobral Pichorro. Não tinha muito, mas dava para uso da casa e ainda vendia algum. E poupava-se, que remédio!... Ia levar algum para cima, quando regressasse a Carapito. Trouxe a burra até ao Sobral e tinha-a deixado na loja do amigo, que lhe deu de jantar e de onde partiu para Fornos para apanhar o comboio. Tinha acabado de fazer o azeite, mas ia-lhe vender do velho, do ano passado. Este ano,

não foi ano de azeite. Na altura de as oliveiras limparem, a chuva foi muita e estragaram-se muito. A azeitona perdeu-se.

Pelo chão da sala, o lixo atapetava os mosaicos gastos. Eram papéis, cascas de fruta, bocados de sacas de serapilheira, uns sapatos velhos debaixo do banco que estava à sua frente, por entre terra, escarradelas e outros detritos inidentificáveis. Mais além, um cão rilhava um osso de frango, que uma mulher gorda lhe tinha atirado e que lambia agora os dedos gordurosos, com avidez e despacho.

Das paredes pendiam uns quadros amarelados pelo tempo, com fotografias, a preto e branco, de máquinas negras e carruagens de outras épocas.

O ar era quase irrespirável, tal a confusão de odores nauseabundos. Francisco sentia-se incomodado. Na sua terra, podia não se tomar banho muitas vezes, mas ainda havia o costume de as pessoas se lavarem e vestirem uma camisa lavada, quando iam à feira, ao médico ou ao advogado.

O velhote tinha-se refastelado para trás, deixando cair a cabeça sobre o encosto do banco, pondo à mostra as gengivas descarnadas, de boca aberta, onde sobressaíam os tais restos de dois

dentes consumidos pela cárie.

A certa altura, começou a rressonar estrondosamente, exalando um hálito horrível, enquanto, deixando cair mais a cabeça, a apoiou nas costas do vizinho, sentado no banco ao lado.

- Eh! amigo! Quer encosto ou almofada? - berrou o incomodado, olhando de lado.

Como o velho não ligou, pois dormia profundamente, aquele afastou-se bruscamente.

O velhote bateu com a cabeça no encosto do banco e acordou estremunhado, sem se aperceber do sucedido. Endireitou-se, voltou a fechar os olhos e começou a pesar figos, ora inclinando a cabeça para a frente, ora para os lados.

Não tardou estava com a cabeça em cima do ombro do vizinho do lado.

Apanhou uma cotovelada, que o deve ter aleijado bem, pois levou, instintivamente, a mão esquerda às costelas atingidas. Ainda por cima, de tão magro, não tinha gordura que o protegesse.

Olhou de soslaio para o agressor, sem dizer nada. Mas o cotovelão despertou-o.

Sono era coisa que Francisco não tinha de momento. Sentiu um buraco no estômago e resolveu comer uma bucha.

Habituou-se ao cheiro. Até já nem notava

quase nada.

Abriu o alforge, donde retirou o pão de centeio e o queijo. O velhote não mais tirou os olhos daquele manjar.

E não se fez rogado, quando Francisco lhe perguntou se também queria.

Cortou-lhe um catração de pão e uma boa fatia de queijo, que o velhote devorou num instante.

Francisco repetiu a dose ao velhote, que lhe deu fim enquanto o diabo esfrega um olho.

Era muito generoso, mas optou por guardar o pão e o queijo na saca de pano, que meteu de novo no alforge. Teve a sorte de o soldado estar a dormir. Caso contrário, se aceitasse a oferta e tivesse o mesmo apetite do velhote, lá se ia o pão e o queijo. Ainda vinha no fundo da saca uma grossa chouriça, mas tinha trazido apeguinho a contar com a viagem de regresso para si e para o filho.

- Era bom o queijo - disse o velhote.

- E o pão, também? Soube-lhe bem! - respondeu Francisco sorrindo levemente.

- É de ovelha?

- É de ovelha sim, senhor!

- De onde é o senhor?

- De Aguiar da Beira. No distrito da Guarda - respondeu Francisco, optando por não referir

Carapito, para evitar nova pergunta do velhote, a fim de saber onde ficava essa aldeia.

E assim foi. O velhote calou-se, por instantes.

Mas de repente:

- Sabe? Eu venho do Porto. Vou lá passar umas temporadas - disse o velhote, querendo continuar a conversa. - O que é preciso é saber viver - continuou.

- Agora é que você disse tudo! - retorquiu Francisco, sorrindo, enquanto pensava na avidez do velhote quando comia o pão e o queijo.

- Andei lá quase um mês a pedir.

- A pedir?

- Eh! A vida custa a todos.

- Pois. Mas custa mais a uns do que a outros - respondeu Francisco, enquanto se recostava no banco para tentar passar pelas brasas.

Mas o velhote, bem comido e dormido, é que não se calava.

- Tenho lá um negociozito, em Coimbra. Bem, em Coimbra, não. Ali perto. A minha mulher fica lá com os ganapos e eu vou por aí fora, a ver se ganho mais algum. É uma vida muito difícil - rematou o velhote.

Francisco não respondeu. Mas lembrou-se do manco, lá dos lados de Penedono, que todos os anos

aparecia em Carapito e nas aldeias vizinhas a pedir, ali pelo S. Miguel. Segundo lhe disseram, o fulano tinha duas boas juntas de bois, cultivava muitas terras próprias e arrendadas e metia muitos carros de feno no palhal, antes de abalar para o seu biscate de pedinte. Bem dizia o velhote que o que interessa é saber viver.

Francisco deixou-se estar, sossegado, de olhos fechados. Ali ia ele, a caminho de Coimbra, ao encontro sabe-se lá de quê.

Era um homem sofrido, filho de gente pobre. Consta que os seus antepassados tinham vindo, havia muitos anos, de uma aldeia dos lados da Guarda, chamada Bogalhal. Talvez venha daí a alcunha da família e dele próprio. Chamavam-no, para o identificarem facilmente, por Francisco Bogalho. Os filhos herdaram-lhe a alcunha, perfeitamente assumida, ao contrário do que muitas vezes acontece. Não sabia ler, nem escrever, mas tinha todas as licenciaturas da escola da vida. Era amigo do seu amigo. Conhecia gente em todo o lado onde fosse. Muito disponível e humilde, não era capaz de dizer que não a quem dele, na sua pobreza de bens, precisasse. Gostava muito dele a Sra. D. Mercês Pessanha, dona de metade de Carapito e de outras freguesias em redor, em Viseu e noutras

zonas de Portugal. Francisco cultivava muitas propriedades da Senhora, como gentilmente a tratava, quando se referia a ela. Ela retribuía, justamente, embora sem perdoar um alqueire de milho ou centeio. Foi muitas vezes seu companheiro de caçadas, no tempo em que ela, mais nova, se apresentava em Carapito e o desafiava para irem para a serra. Francisco abandonava o que andasse a fazer e aí ia ele, de pau na mão, bater montes e vales para agradar à Senhora. Ela recomendava aos feitores que não queria que faltasse nada ao Francisco. O que ele pedisse, que lho dessem. Francisco pedia pouco. Um castanheiro velho para se aquecer e à família, no inverno beirão, que todos sabemos como é gelado e rigoroso. Não era um homem de exageros. Gostava de beber o seu copito, aos Domingos, com o seu amigo Casimiro Martinho. Mas nunca chegava ao ponto de voltar a casa embriagado. Um pouco alegre, podia acontecer. De Segunda a Sábado, trabalhava no duro, executando todo o tipo de trabalhos. Era muito habilidoso. Executava qualquer tipo de tarefa, mesmo estranha ao amanho das terras. Tanto cobria de colmo de giestas uma corte, como deitava uma armação, arranjava um arado, um carro de vacas e até fazia, ele próprio, muitas das ferramentas com

que executava alguns trabalhos. Não tinha medo à vida e gostava de sair de casa pela meia noite, acompanhado de um filho, para preparar os maninhos para a sementeira. Dormia pouco, no tempo em que as camas eram construídas com dois cavaletes, umas tábuas onde assentava a enxerga cheia de palha de centeio. Cantava e punha a cantar quem o acompanhava nos trabalhos do campo. À noite, ensinava cantigas e cânticos antigos aos filhos e aos netos, depois de comer o caldo e as batatas cozidas, no seu canto, pois não gostava muito de se sentar à mesa. Os filhos adoravam-no e, mesmo depois de casados, raro era o dia em que não iam ver o pai. Assim se fortaleciam os laços familiares. Filhos e netos foram educados num clima de respeito pelos outros e pelos valores. Rezava-se à noite, agradecendo a Deus pela vida, pelos bens recebidos e pelos familiares e amigos já falecidos. Francisco era pobre de bens, mas rico de vida...

Eram quase quatro horas e meia da madrugada, quando o altifalante roufenho fez o aviso.

- Dentro de momentos, vai dar entrada na linha número um, segunda plataforma, o comboio correio proveniente do Porto, com destino a Lisboa.

Quase toda a gente se levantou e tomou de

assalto as portas de saída da sala de espera. Ninguém queria perder o comboio. Francisco, pouco habituado a estas andanças, demorou um pouco a levantar-se e foi dos últimos a sair.

Pôde ver, lá à frente, a sair pela porta, o velhote com o seu garruço na cabeça, de borla a balançar.

CAPÍTULO VII

Tinha deixado de chover. Estava frio, até porque corria uma aragem húmida, vinda do lado do mar. A lua cheia iluminava o enorme espaço da estação, quando conseguia esquivar-se a algumas nuvens grossas e negras que corriam baixo, a grande velocidade, em direcção ao interior.

O ar fresco e puro despertou-o do quase torpor que o ia vencendo dentro daquela sala fétida, cheia de imundice. Uma espelunca!

O trem apareceu lá ao fundo, apitando, envolto numa nuvem espessa de fumo e vapor, a que os raios da lua ofereciam um ar feérico.

Ainda não tinha parado e já uma multidão se precipitava para dentro das carruagens. Voavam malas pelas janelas, que os primeiros a entrar iam colocando sobre os bancos, a marcar lugar para os familiares e amigos. Os militares, então, foram peritos nisso.

Ainda o Francisco não tinha posto o pé no estribo e já se anunciava:

- Dentro de momentos, vai sair da linha número um, segunda plataforma, o comboio correio com destino a Lisboa.

Compreendeu, então, Francisco a pressa dos seus companheiros de viagem. Mal subiu para a carruagem, o comboio pôs-se em andamento. Havia muitas pessoas de pé, no corredor. Não se conseguia fechar a porta. Francisco e mais uma dúzia de pessoas permaneceram no exterior.

Foi no varandim que reiniciou a sua viagem, até Coimbra, para saber do filho. Pendia-lhe o alforge do ombro e agarrou-se à grade de ferro.

O comboio foi ganhando velocidade e embrenhou-se na noite escura. A lua havia desaparecido. Não se via nada. Só o ruído cantante do comboio, que se arrastava pela linha, cortando o silêncio da noite.

Tentava, agora de novo, no comboio, recordar o rosto meigo da sua companheira do primeiro troço da jornada. “Já teria chegado a casa?”. Estes pensamentos misturavam-se com outros sentimentos de tristeza, pela sorte do seu Joaquim:

“Onde estaria? Seria que estava bem?”.

- Maldito minério! - Balbuciou Francisco entre dentes.

Com a confusão instalada na cabeça, Francisco recordou mais um episódio que ocorrera havia alguns anos.

Em momentos como este, damos connosco a

relembrar factos passados, nem sempre agradáveis. Mas a vida reserva-nos sempre muitas surpresas e nem todas são do nosso agrado.

Sucede que, por razões que nem ele recorda, teria o Joaquim os seus quinze anos, este saiu de casa, aborrecido.

Ao princípio da manhã, como ele não apareceu, o pai, Francisco, indagou o que se passara. Lá lhe disseram os filhos mais velhos que o Joaquim se tinha ido embora, sem dizer para onde.

No final do dia, todos estavam preocupados, mas aguardaram pelo seu regresso, durante a noite. A gente nova tem por vezes atitudes destas; por dá cá aquela palha! Não havia razão para alarme. Nem durante a noite, nem no dia seguinte, houve notícias do Joaquim.

No terceiro dia, Francisco resolveu ir procurá-lo. Não raramente, apareciam rapazes em Carapito, que se ofereciam para servir, nas casas dos lavradores mais abastados. Vinham das terras mais pobres, de Sernancelhe, Penedono e Foz - Coa, da Touça, Arnas, Cunha, Tabosa, Beselga e mesmo de mais longe. E quase sempre, passados dois ou três dias, lá vinham os pais à procura deles. Uns regressavam, outros acabavam por ficar por ali. Muitos casaram em Carapito e arredores.

Esse teria sido, com certeza, o caminho do rapaz. Era são e escoreito. Não lhe daria para fazer uma asneira; por outro lado, atendendo à idade e falta de meios, não se aventuraria a ir para muito longe. E teria ido para uma região conhecida. Ora, apenas uma vez tinha Joaquim acompanhado o pai à feira de Celorico, onde tinha ido vender umas arrobas de queijo. Decidiu que era para aí que devia partir, à sua procura.

Saiu de madrugada. Era Verão. Aos primeiros raios da aurora, meteu pela Regateira, direito ao Casal do Monte. Flectiu para a Quinta de Serabigo onde chegou ao romper da alva. Perguntou se tinham por ali visto o filho, mas responderam-lhe que não. Não sabiam nada do moço. Desceu a Aldeia Nova, aos banhos, onde perguntou ao tio António se alguém lhe dava razão do filho. Como já estava muita gente por ali, curando-se das suas maleitas... Estava a nascer o sol. O tio António andava de volta da fogueira, a aquecer a água da caldeira, para os clientes tomarem o banho da manhã.

- Eu não sei, ó ti Francisco! Mas vamos perguntar aí ao pessoal, a ver se alguém sabe alguma coisa. Ora espere aí.

E entrou na pensão improvisada, onde se

alojavam os hóspedes. As camas tinham enxergas de palha, muito velhas. As paredes divisórias eram de taipa. Via-se tudo de um lado para o outro. Também, para o preço?...

O tio António muito solícito, como sempre, pôs os hóspedes em reboição. Acordou-os para os questionar sobre o rapaz do tio Francisco de Carapito, também seu cliente habitual, quando necessitava dos banhos.

- Olhe que ninguém sabe de nada. Sabe que as pessoas que cá estão são de longe, de maneira que...
- concluiu compadecido pelo problema do amigo.

Francisco não teve outro remédio senão continuar a jornada. Atravessou Aldeia Nova. Perguntou a uma ou outra pessoa conhecida, mas nada.

Meteu em seguida pelo caminho que, ao longo da ribeira, levava ao Sobral Pichorro. Foi buscando a sombra dos freixos e salgueiros que ladeavam o caminho. Mais abaixo, encontrou um rancho de homens e mulheres. Tinham pela frente uma tarefa árdua. Ceifavam o centeio, à soitoira, debaixo de um sol cujos raios começavam a aquecer a terra e o ar. O corte estendia-se por mais de cem metros, e ao longo dele, perto de sessenta ceifeiros mergulhavam com tenacidade, para em seguida se levantarem,

segurando na mão esquerda uma boa quantidade de palha de centeio que depositavam imediatamente atrás do grupo, formando gavelas. Alguns cantavam ao desafio, por entre chalaças e gritos de entusiasmo. Atrás seguiam os atadores que não tinham mãos a medir, perante a azáfama dos que os precediam. Dois ou três rapazes encarregavam-se de empilhar os molhos de centeio. Debaixo de um frondoso carvalho, duas mulheres arrumavam em dois grandes cestos de verga, a louça e talheres que o pessoal tinha acabado de utilizar para comer o almoço.

Francisco parou junto das mulheres e, do caminho, dirigiu-lhes a saudação:

- Bom dia.

- Bons dias, senhor.- responderam elas.

- As senhoras, por acaso, não sabem se está por aí, há pouco tempo, em casa de alguém um rapazito a servir?

As mulheres olharam uma para a outra, até que a mais velha respondeu:

- Eu não sei, mas espere aí que eu chamo o meu marido.

E virando-se para o local onde decorria a ceifa, gritou:

- Manuel, anda cá.

Andava ele a orientar o trabalho, mas aconteceu até junto da mulher, levantando pó à sua passagem, quando pisava o restolho, com as botas cardadas que lhe protegiam os pés.

- O que foi?

- Anda cá que está aqui um senhor.

- Bom dia. - disse, aproximando-se.

- Venha com Deus. - respondeu o Francisco.

- Então o que se passa, se faz favor.

- Ando à procura de um dos meus rapazes. Ele chama-se Joaquim. Não sabe se ele está cá na vossa terra, em casa de alguém?

- Que eu saiba, não. Quer beber? rapaz, traz cá o garrafão - disse para um dos moços que andava a juntar os molhos. E continuou: - Sabe que, às vezes aparecem por aí, mas já há muito tempo que não dou razão de por cá ficar algum. Sirva-se. - disse, estendendo o braço de onde pendia o garrafão, por cima da parede do caminho.

Francisco bebeu e, enquanto limpava a boca às costas da mão e o gargalo do garrafão com o antebraço, agradeceu:

- Muito obrigado. Bom, sendo assim vou seguir o meu caminho. Bem hajam. - disse, afastando-se.

- Vá com Deus.

Retomou a marcha, enquanto ainda ouvia comentários dos três que deixara.

Junto ao caminho, uns metros mais adiante, andava uma velhota com dois ou três garotos a apanhar a espiga, no rebusco.

O caminho estava bem batido. Era por ali que passavam os moradores das duas freguesias, com os seus gados e os carros das vacas carregados de centeio, batata, estrume e lenha. Não admirava que, nos sítios onde havia penedos, as rilheiras estivessem bem marcadas pela passagem de milhares e milhares de carros, ao longo de centenas de anos.

Um grupo mais pequeno ocupava-se a arrancar batatas, numa tapada. O alarido não era tão grande como o que faziam os ceifeiros. Mas o pó também chegava. A terra ressequida sofria os golpes das enxadas, cobrindo-se de tubérculos esbranquiçados.

- Boas batatas. - pensou Francisco.

Lá ao longe, altaneiro o Barroco da Pena. Até de longe metia medo. Visto àquela distância, assemelhava-se a um trono, onde qualquer rei moiro poderia ter arengado às suas tropas, postadas cem metros mais abaixo, no vale, antes de partirem, em campanha, contra algum exército cristão.

Mas o Barroco da Pena conhecia-o Francisco por outras razões.

Contava-se que, havia muitos anos, se tinha atirado dali abaixo a avó da tia Maria do Murça. A coitada da mulher tinha ficado meia louca aquando de um parto de um dos seus muitos filhos e nunca mais se achara boa. Coisas que se contam...

Francisco não se lembrava de nada. Apenas ouvira contar muita vez essa história. Diziam que ela saía de casa e vagueava pelos campos e pelas aldeias vizinhas. Não admira que fosse até Queiriz, freguesia situada nos limites de Carapito e apenas à distância de menos de uma légua. A pobre mulher, com certeza, em dia de desespero, não aguentou mais os males de que padecia, mas ainda teve inteligência, saber e coragem para encontrar um local, uma forma de pôr fim ao seu sofrimento.

Dizia a lenda que, em noites muito escuras e de temporal, ainda se podiam ouvir os gritos que aquela alma lançou no momento em que se precipitou no abismo, onde foi encontrada passados quase oito dias, já em adiantado estado de decomposição e com os corvos a rodar lá no alto.

Enquanto lembrava estes fatídicos acontecimentos, Francisco ia batendo com a vara nas pontas das silvas que, aqui e além, lhe barravam

o caminho. À sua passagem calavam-se as rolas e os melros que, nervosos e esquivos, saltavam de ramo em ramo, em busca de refúgio, sempre desconfiados. Um cuco preparava-se para fazer das suas, empoleirado num choupo, junto à ponte romana que Francisco usou para atravessar a ribeira, antes de começar a subir a encosta, em direcção às Fuinhas.

CAPÍTULO VIII

Era quase meio dia. Entrou na taberna para beber um copo e perguntar pelo filho.

Uma esperança!

- Parece que nas Quintas do Salgueiro, em casa do Sr. Antoninho da Laija, está lá um rapaz, mas não lhe sei dizer mais nada.

Agradecendo a informação, meteu de novo pés ao caminho, subiu a serra, pelo carreiro pedregoso e iniciou a descida para o vale extenso onde se situam as Quintas do Salgueiro, perto de Forno de Telheiro. Tinha ouvido falar no Sr. Antoninho. Conhecia bem aquelas paragens. Havia um vale bastante extenso, entre duas serras, formando uma planície com umas centenas de hectares. No meio, corria um pequeno regato. Cultivava-se centeio e milho. Quase todos os moradores tinham rebanhos de gado.

Chegado ao ribeiro, mergulhou a boca numa poça e dessedentou-se avidamente.

Francisco conhecia bem aquele local. Uns anos antes passara-se consigo uma peripécia, exactamente no sítio onde agora se encontrava de joelhos a beber.

Aproximando-se a época do Natal, decidiu levar o queijo à feira de Celorico. Sempre se vendia um bocadito melhor do que na Feira Nova, em Aguiar ou Trancoso.

Meteu quatro arrobas de queijo de ovelha, bem amanteigado, em dois cestos de verga, arreou a burrita que tinha lá em casa e pôs-se a caminho da feira, por volta da meia noite. Chegou àquele local cerca das oito horas, com o sol a querer romper, lá para os lados da Guarda. Mas, como tinha chovido abundantemente nos últimos quinze dias, o ribeiro levava muita água e tornava-se impossível atravessá-lo a vau ou nas poldras ali existentes que se achavam cobertas pela corrente.

Havia então ali uma pontita, muito estreita e sem quaisquer guardas, construída com uns paus de pinheiro, cobertos com terra.

Andou a ver mais abaixo e mais acima, ao longo da margem direita do ribeiro, se encontrava outro local, mas era mesmo impossível passar a vau.

Só tinha uma solução. Era passar a burra pela ponte improvisada.

Agarrou a burra pela arreata e tentou puxá-la atrás de si com bons modos. Mas qual quê... A burra fincou as patas na terra molhada e não havia quem a fizesse avançar para cima da ponte. A verdade é

que até ele não se sentia muito seguro, em cima daquela desajeitada construção.

Lembrou-se de resolver o problema com recurso a argumentos mais convincentes, mas não adiantaria, porque, os burros são muito teimosos, fazendo disso gala e retirando também algum proveito.

Mas a burra não se ia ficar a rir. Não levaria a dela avante.

Lembrou-se então de enfiar uma saca na cabeça da burra para não ver o caminho. Podia ser que, deste modo, a convencesse a atravessar o ribeiro. Mas qual quê! A burra nem se mexeu do sítio onde estava.

Teve de juntar o argumento da vara de marmeleiro à tática da saca na cabeça.

Colocou-se, assim, atrás da burra, depois de a pôr, embora a custo, bem em frente da ponte e, ao mesmo tempo que deu um berro, estendeu o marmeleiro nas ancas da jumenta. Esta apanhou tamanho susto e reagiu de tal forma que deu um grande salto em frente, mas caiu no meio do ribeiro.

- Olha a filha da puta da burra! Eh! Burra! Eh! Burra! - gritava Francisco, enquanto lhe fustigava os custados com a vara.

O que lhe valeu foi que a burra caiu para

montante da ponte e ficou ali encostada, empurrada pela corrente. Alguns queijos caíram para fora dos cestos e seguiram ribeiro abaixo. A burra assustada dava parselhas com as duas patas de trás juntas. A cada salto, mais queijos caíam dos cestos.

Conseguiu agarrar-lhe a rédea, retirou-lhe a saca da cabeça e, com grande esforço, conseguiu içar o animal para a margem oposta. Prendeu-a a um amieiro e foi pelas margens da ribeira, tentando recuperar alguns dos queijos. Apanhou três ou quatro que tinham ficado presos nos ramos das árvores e arbustos que ladeavam as margens.

Depois tentou acalmar a burra que ainda resfolegava e zurrava como uma possessa. Coitada, não tinha ganho para o susto. Ajeitou a carga o melhor que pôde e lá foi a caminho de Celorico.

Com todas estas andanças, chegou tarde à feira. Mas o pior estava para vir. Quando começou a tirar o queijo dos cestos, a maior parte estava sem jeito e sem concerto para expor para venda. Escolheu os melhores e deixou nos cestos os que ficaram completamente amassados. O queijo era bom. Até os vendeu bem e depressa. Alguns compradores ainda foram espreitar os cestos, mas quem é que queria o queijo naquele estado.

Não se perdeu nada. No final da feira,

Francisco comprou umas colheres, dois grandes pães de centeio, chamou meia dúzia de amigos e conhecidos e todos se regalaram com uma merenda diferente: Comer queijo à colherada, num cesto de verga.

Bateu com força a argola do trinco, contra a porta de madeira do pátio da casa. Seriam umas três da tarde. O calor apertava. Deviam estar a dormir a sesta. Repetiu a batidela. Só então um dos criados, que estava deitado debaixo do alpendre, lhe veio abrir a porta.

Francisco perguntou-lhe se tinha visto o filho, dando-lhe algumas indicações:

- Está aqui um rapaz. Pode entrar. Mas olhe que é dos lados de Casteição - informou, espantado, o criado, em resposta ao pedido e descrição do Francisco.

- Venha vê-lo. David! - gritou o criado para dentro da loja.

Saiu de lá um rapaz, mas não era o Joaquim. Muitas vezes os moços davam outro nome, quando queriam passar despercebidos.

À alegria e esperança que se via estampada, momentos antes, no rosto de Francisco, sucedeu-se um ar de tristeza e desânimo.

- Deixe lá. Muito obrigado. Não sabe se por

aqui perto...

- Não senhor. Aqui nas Quintas do Salgueiro, que eu saiba, não senhor! - respondeu com ar de comiseração o criado.

Francisco agradeceu de novo e subiu em direcção a Forno de Telheiro.

Dentro de si começou a ferver um misto de cansaço, desânimo e um sentimento de irritação e aborrecimento pela atitude do moço, que pôs toda a família em sobressalto. Mas o que havia a fazer? Filho é filho. Pai é pai. E lá continuou encosta acima, com o sol das três a acertar-lhe em cheio nas costas.

À entrada da aldeia, passou pelo cemitério, descobriu-se, cerimoniosamente, ao passar em frente à porta e dirigiu-se ao centro. No largo principal, dominado pelo vetusto pelourinho, enquadrado por belos edifícios em granito, sobressaía a igreja paroquial.

Entrou na taberna. Vinha afogueado pelo calor e matou a sede, sofregamente, com um copo de vinho. Comprou um pão e, ali mesmo, se desfez de metade, servindo de conduto uma lata de sardinhas em conserva. Entretanto, pôs a taberneira ao corrente do objectivo da sua viagem. Eram velhos conhecidos. Aquela taberna era poiso obrigatório, nas suas deambulações pela região, principalmente

quando ia a Celorico ou mesmo ao Jarmelo ou à feira da Carrapichana.

Que não. Não sabia de nada. Uma vez por outra, passavam por ali rapazes que, desavindos com os pais, iam em busca de trabalho. Mas já havia dois ou três meses que não dera conta de nenhum. Ou não passara por ali ou, por medo, nem parou.

“Onde se terá metido o demonho do rapaz?” - questionava-se Francisco, perturbado e irritado.

Meteu mais um copo, despediu-se da taberneira e continuou o caminho.

Dali até à estação de Celorico, foi perguntando a quase todas as pessoas que encontrou no caminho. Sentia que o filho não estaria longe.

Caía a tarde quando chegou à estação de Celorico da Beira e, num tasco, junto à passagem de nível, obteve uma resposta esperançosa.

- Passou por aqui um rapazito, há dois ou três dias. Mas ia com aspecto de quem continuaria a andar - disse o dono do tasco, habituado a situações idênticas. O tasco era ponto de encontro e de poiso de muitos viandantes.

- Então e não lhe disse para onde iria? - questionou Francisco, tentando obter mais alguma informação, que lhe permitisse saber o paradeiro do filho.

- Olhe que não - respondeu o taberneiro. - Talvez na vila consiga saber mais alguma coisa. Às vezes pernoitam por lá.

Recta acima, Francisco foi caminhando pela berma da estrada. Tinha percorrido pouco mais de um quilómetro, quando deu com um pastor que guardava o seu rebanho, num lameiro de feno brava, quase seco. O gado retouçava nervosamente, pela fome e não por fastio.

Depois dos cumprimentos, em resposta à pergunta de Francisco, disse o pastor:

- Passou por aqui um rapaz, passou. Perguntou-me se eu o cá queria. Respondi-lhe que não. Está a ver, o rebanho é pequeno. Cá me vou amanhando.

- E para onde terá ido? - perguntou Francisco, curiosamente, e sentindo estar perto do fim o seu calvário.

- Eu disse-lhe que, ali para os lados de Açores, há quem esteja sempre a precisar de pastores. Só se ele foi para lá - retorquiu o pastor, no seu linguajar arrastado e pouco expressivo.

Agradeceu Francisco as informações e... ala que se faz tarde. Meteu-se logo à esquerda, por um atalho que conhecia bem, passando ao lado da quinta de Santo António. Voltou a atravessar a

estrada e começou a subida para a pequena aldeia de Açores. Era romeiro frequente da festa de Santa Eufêmia. Tinha ali amigos e muitas vezes em casa se falava neles.

CAPÍTULO IX

Escurecia e ainda tinha uma boa meia dúzia de quilómetros para percorrer. O sol vermelho tinha acabado de se esconder na direcção de Infias. Sentia-se um calor abafado. Aqui e além um ou outro rebanho regressava ao redil ou ao curral. O calor aconselhava que as ovelhas pernoitassem no campo. Beneficiavam da frescura da noite e estrumavam os terrenos onde os currais eram montados. Estugou o passo, na esperança de ainda nesse dia se encontrar com o filho. Ladeavam o caminho estreito, altos carvalhos negrais e densas matas de pilros. Ouviam-se noitibós e corujas. As cigarras calavam a sua cantilena, à sua passagem.

Era noite cerrada quando atingiu as primeiras casas da aldeia. Avançou rapidamente para casa do seu amigo António da Deixa, situada no largo principal. Era ali que se celebrava a festa em honra da padroeira da aldeia. Nunca soube porque razão era o seu amigo conhecido por António da Deixa. Mas também não era hoje o dia para se preocupar com isso. Bateu à porta. Já se ceava.

- Entre! - ouviu-se, enquanto alguém se aproximava da porta.

- Francisco! Que andas por aqui a fazer, a estas horas, homem? - questionou, com admiração, a patroa que lhe veio abrir a porta.

- Deixe-me cá. Ando à procura do meu Joaquim.

- Entra, entra!

Veio também o António da Deixa cumprimentar o amigo.

Os três garotos mais pequenos acompanharam o pai, enquanto a mais velha ficou encostada à porta da cozinha, alarmada com a voz conhecida do tio Francisco de Carapito.

- Então que é que se passa? Tu, por aqui, a estas horas da noite? Vens do Jarmelo? - perguntou.

- Não, António. Venho cá por causa de um aborrecimento...

- Diz-me lá, Francisco!

- Ando à procura do meu Joaquim. Disseram-me que pode andar para aqui.

O António da Deixa trocou olhares com a mulher, enquanto convidava o Francisco a sentar-se.

A filha mais velha, cúmplice, foi sentar-se a um canto, com a malga do caldo nas mãos. Sabia bem que estava na aldeia um rapaz de Carapito. Só que não sabia de quem era filho. A prudência aconselhou-a a ficar calada. Fora ela a informar o

pai sobre a presença do Joaquim na aldeia, omitindo de onde ele era. Agora sujeitava-se a pagar essa omissão com um bofetão.

- Não me digas que é um rapaz que está na quinta do meu compadre, o José Caetano? - retorquiu, com preocupação o António, mas ao mesmo tempo satisfeito por poder ajudar o amigo. - Comes aqui qualquer coisa e já lá vamos. Clarinda, tu não sabias que era o Joaquim do ti Francisco?

- Não, meu pai! Não sabia que era de Carapito, - respondeu a medo a rapariga.

Convencido ou não, o pai acreditou.

Francisco era como se fosse da casa. Retribuía também, quando o António ia para a feira de Moimenta ou até à festa da Lapa.

À boa moda da aldeia, enquanto está na panela, chega para todos. Uma malga de caldo e umas batatas molhadas em azeite e vinagre, com azeitonas e pão de centeio. Foi a ceia.

Francisco pôs, entretanto, os da casa ao corrente do que se passava.

Saíram logo a seguir. A quinta ficava ainda a dois quilómetros, bem medidos. Era lua nova. Estava escuro como breu. Aqui e além, tropeçavam nas pedras do caminho. Os cães, de guarda aos currais, ladravam à sua passagem.

Passada cerca de meia hora, no meio de um conjunto de castanheiros frondosos, cujas ramagens abundantes se confundiam com o céu escuro, deram com a casa da quinta. De dentro, saíram dois cães, ladrando com insistência. No balcão, surgiu alguém com um candeeiro a petróleo, que, com dois ou três assobios e ordens firmes, calou as feras; passaram a fazer-lhes companhia, rondando a três ou quatro metros, até se aproximarem da casa.

- Compadre Caetano, sou eu o António.

- Oh! Então que fazes por aqui, tão tarde?

Fizeram-se as apresentações, contaram-se as histórias... Que sim. O Joaquim estava ali. Mas estava no curral, com as ovelhas.

- O senhor vai aí pelo caminho abaixo. Quer que vá consigo?

- Não, quero ir sozinho.

- São só uns duzentos metros.

Francisco meteu-se pela noite escura e desapareceu, tacteando o chão com a vara que sempre o acompanhava.

- Compadre, venha daí comigo, não vá ele por lá bater no rapaz, - disse o António.

Seguiram os outros dois, logo atrás, a uma distância de uns cinquenta metros, sem que Francisco soubesse da sua presença.

Não tardou Francisco a sentir as ovelhas pelo seu cheiro característico. Ouvia-se também um ou outro balido, perfeitamente perceptível dada a quietude do lugar. Saiu do caminho e meteu-se pela arada fora. Sem dar conta, tropeçou nas cancelas do curral, provocando o espantar do gado para o lado oposto, no meio de uma nuvem de poeira.

- Joaquim! - chamou, quase em seguida.

Joaquim reconheceu a voz do pai. O coração começou a bater-lhe mais forte, no seu peito de jovem. Ficou quieto e calado. Não sabia o que havia de fazer. Por instantes, pensou saltar as cancelas e fugir. Mas o arrependimento que já havia sentido, por ter saído de casa, voltou e fê-lo pensar. O que tinha feito não fora bonito. O pai tinha vindo à sua procura. “Porque não havia de responder-lhe?” Já tinha saudades da sua casa, dos seus irmãos.

Aqueles segundos de silêncio pareceram anos, tanto para Francisco como para o filho.

De repente, ouviu-se chamar, de novo, enquanto os cães ladravam e as ovelhas se apertavam cada vez mais contra as cancelas, ameaçando desarmar o curral:

- Joaquim! Joaquim! Onde estás?

Foi então que, do meio do rebanho, envolto numa nuvem de pó, Joaquim se levantou, pousando

a ferrada do leite, para onde tinha acabado de ordenhar as ovelhas, e respondeu ao pai, com a voz embargada:

- Estou aqui, meu pai...

Francisco esquecera, há muito, a irritação. Sentiu-o também o Joaquim, que, triste e cheio de medo, estava para ali desterrado, tendo apenas como companhia, naquele ermo, as ovelhas mal cheirosas.

- Anda cá, rapaz. - mandou o pai com voz firme, mas também meio embargada pela emoção do reencontro com o filho.

- Já vou, meu pai.

Colocou a ferrada, com a pinga do leite no fundo, no carrito que lhe servia de casota e dirigiu-se para o local onde estava o pai, ao mesmo tempo que também o patrão e o seu companheiro acabavam de chegar.

- Então, Francisco, cá tens o teu rapaz! - disse-lhe o amigo António.

- Vamos embora. - respondeu Francisco, desandando em direcção ao caminho, de retorno à casa da quinta.

Há momentos em que nos sentimos baralhados nas ideias e nos sentimentos. O ódio mistura-se com o amor. A dúvida com a certeza. A

alegria com a tristeza. A vontade de abraçar com a vontade de bater. Não conseguimos saber qual deles é o mais forte. Nessas alturas, o melhor é o alheamento, o deixar correr, esperando que o tempo resolva os problemas, em vez de agirmos a quente, sob pena de decidirmos erradamente, agravando as consequências desses problemas. Foi assim que Francisco não abraçou o filho, embora fosse essa a sua vontade. Mas tão pouco lhe bateu. Preferiu furtar-se ao encontro mais próximo com o filho e limpar da face as lágrimas de emoção que, traiçoeiramente, lhe escorreram dos olhos tristes e cegos como a noite.

Noite negra e triste. Não sabia nada do seu filho, embora tivesse a esperança de, no dia seguinte, encontrar o Joaquim vivo e com saúde. Mais uma vez o traria de volta à terra que o viu nascer.

Estava gelado. O comboio continuava a cavalgar quilómetros de linha, em direcção a Coimbra. Viajar naquelas condições não era nada agradável. Mas pelo filho, Francisco estava disposto a tudo. Que interessava o frio, se no dia seguinte fizesse a viagem de regresso, acompanhado do filho. Fariam uma festa igual ou maior àquela que fizeram, quando o foi buscar a Açores, havia quase

dez anos. O coração do pai perdoa sempre, ama e esquece, mais do que os filhos, que a certa altura, se julgam mais sabedores que ninguém. Nessas alturas, só o silêncio dos mais velhos os faz cair em si. O silêncio desta noite apenas quebrado pelo matraquear do comboio; silêncio misterioso, frio, húmido, envolvente, tenebroso, terrivelmente escuro, triste.

CAPÍTULO X

Chegara o comboio a Coimbra por volta das sete da manhã daquele dia cinzento. O céu apresentava-se enevoadado, mas não chovia.

À beira da estação corria o rio Mondego. Largo. Francisco não imaginava que o ribeiro, que ele conhecia quando atravessava as veigas de Celorico e Fornos, se transformasse num rio tão largo e com tanta água.

Um ou outro barco de pequeno porte navegavam no rio de águas serenas.

Era cedo ainda. Aproximava-se a manhã, mas o sol não conseguia romper as nuvens grossas. A cidade dormia a sono solto. Uma ou outra charrete passava à frente da estação, puxada por potentes machos. Levavam de tudo um pouco. Batatas, hortaliças, cebolas. Certamente era dia de mercado. Automóveis, muito poucos.

Dispôs-se Francisco a avançar para dentro da cidade. No comboio, perguntara onde ficava o hospital. Haviam-lhe dito que era fácil encontrá-lo. Que se dirigisse a uma avenida muito grande, junto à Igreja de Santa Cruz. Que fosse por aí acima, porque daria com ele facilmente. Assim fez. A Igreja

foi fácil encontrá-la. Uma vez aí, também não teve dúvidas quanto ao caminho a seguir.

Mas aqueles não eram os seus domínios. Sentia-se atrofiado, cauteloso, um tanto atemorizado. A cidade era grande. As ruas largas e compridas. O movimento de carros, eléctricos, carroças e pessoas começou a aumentar. Estava habituado ao campo aberto. Aos espaços em que mesmo que a terra não seja nossa, nos sentimos livres, donos da paisagem, do ar que respiramos. Donos do tempo, de tudo o que abrangemos, donos da nossa vida. A cidade subjuga, humilha, deprime, tortura, mesmo os que lá vivem, quanto mais um homem livre, completamente despojado de tudo, menos da ânsia de amar e viver.

Os edifícios altos e imponentes, os carros em altas velocidades, os eléctricos deslizando pelos carris. Não sabia que aquela espécie de comboio também circulava nas ruas das cidades.

Foi subindo a avenida que lhe haviam indicado. Tinha a certeza que encontraria o hospital, mas, à cautela, resolveu perguntar a um senhor que passava, todo embrulhado numa capa preta, com um chapéu a cobrir-lhe a cabeça branca.

- Olhe, está além em frente - respondeu, indicando-lhe a fachada do hospital no outro lado

da avenida.

Atravessou, cautelosamente, e dirigiu-se à entrada do edifício. Subiu uns três degraus e viu-se num átrio amplo e bem cuidado. Do centro, partiam umas escadas largas, para o primeiro andar. Havia várias portas, anormalmente altas. Um sujeito fardado ia dando indicações às pessoas. Dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

- Venho à procura do meu filho Joaquim. Disseram-me que estava aqui. Pode-me dizer onde está?

- Quando é que ele cá deu entrada?

- Há uns cinco dias - respondeu, confiante e esperançoso.

Perguntou-lhe o sujeito, a seguir, o nome completo do filho e, dizendo-lhe que esperasse um momento, desapareceu por uma das portas, identificada por uns dizeres de que Francisco não sabia o significado.

Demorou algum tempo. Francisco ficou-se por ali vendo quem entrava e saía e deitando os olhos para a rua, onde o movimentos de veículos e pessoas era agora muito maior. Metia-lhe confusão como é que os carros não batiam uns nos outros, não galgavam os passeios.

Começou a sentir-se ansioso. Pela primeira

vez teve pressentimentos. E se o filho não estivesse vivo! Como pôde, foi afastando esses pensamentos e procurando renovar a esperança, ia dizendo de si, para si, que não havia razão para o filho não estar vivo.

- Tem de esperar mais um bocadinho. Já o mandam entrar, - comunicou-lhe o sujeito fardado, regressando ao átrio por uma porta diferente, enquanto retomava a sua função de encaminhar as pessoas para esta ou aquela porta, prestando todo o tipo de informações.

Francisco sentou-se num banco de madeira, com um grande espaldar, onde se viam umas pinturas e umas letras. As paredes eram revestidas a azulejo antigo, até cerca de dois metros do chão. Este era revestido a tijoleira velha, mais gasta na parte central, junto às escadas e perto dos bancos, onde as pessoas punham os pés. Entravam e saíam pessoas de todas as idades e condições. A maior parte delas, gente simples, da aldeia como ele. De vez em quando, um sujeito bem vestido, a quem o porteiro tratava por Doutor, cumprimentando cerimoniosamente.

Tinha de passar o tempo e para ali estava, observando tudo, com os seus olhos de aldeão, fora do seu ambiente, um lugar estranho, um tanto ou

quanto hostil, pensando no filho que estaria lá dentro. De novo os seus pensamentos negativos, pessimistas o assaltaram, mas ele recusava-se a aceitar o que quer que fosse diferente de vir a encontrar vivo o filho que procurava.

Passara quase uma hora. Estava prestes a levantar-se para se dirigir ao porteiro, quando entrou um sujeito que aquele cumprimentou com atenção especial e com quem conversou uns momentos, indicando com o olhar, enquanto levantava o queixo, o local onde Francisco esperava, sentado. Depois, desapareceu o mesmo sujeito, escada acima, olhando furtivamente para o Francisco.

- O Sr. Director vai já recebê-lo - disse-lhe o porteiro, dirigindo os passos na sua direcção.

- O Sr. Director!... Porquê? - questionou, tirando o chapéu e franzindo a testa, admirado e assustado.

- Espere um momento, se faz favor, Sr. Francisco! - retorquiu o porteiro amavelmente.

Francisco não se sentou mais. Ficou ali espedado no meio do átrio, sem saber o que dizer, o que fazer ou o que pensar. Porque é que o Director do hospital queria falar com ele? Arrepiou-se todo. Tentou acalmar-se. Dirigiu-se ao porteiro e pediu:

- Deixe-me subir.

- Tenha calma. O Sr. Director não tarda a recebê-lo - sossegou-o, educadamente e de forma compreensiva, o porteiro.

Como de facto. Passados instantes, apareceu escadas abaixo, um indivíduo de bata branca, que se dirigiu ao porteiro. Este apontou na direcção do Francisco.

- Venha comigo, por aqui - recomendou o da bata branca.

Subiram as escadas. Francisco sentiu tremerem-lhe as pernas e palpitar o coração. Algo de estranho se passava.

Bateu o enfermeiro - pois de um enfermeiro se tratava - a uma porta, que entreabriu devagar dizendo, para dentro:

- Está aqui o senhor, Sr. Director.

Abriu a porta completamente e mandou-o entrar.

Veio o Director recebê-lo à porta e enquanto lhe estendia a mão foi dizendo:

- Faça favor de entrar, Sr. Francisco - indicando-lhe uma cadeira colocada no meio de um amplo gabinete, por onde entravam, a medo, uns furtivos raios de sol que haviam conseguido rasgar o grosso manto de nuvens, daquela manhã triste e

sombria.

Francisco continuava a desconfiar, no seu íntimo, de tanta espera, tanta atenção, tanto silêncio.

Acomodou-se na cadeira, sem ocupar todo o assento, fitou o médico nos olhos e, enquanto este ocupava o seu lugar, de pé, atrás de uma vetusta secretária, atirou timidamente:

- Sr. Dr., onde está o meu filho?

Fez-se um silêncio absoluto. O médico poisou os olhos no tampo da secretária, olhou para o céu através das vidraças, depois, devagar, enquanto virava o olhar para o rosto tenso de Francisco, respondeu:

- As notícias não são boas, Sr. Francisco.

Este estremeceu dos pés à cabeça. Recostou-se na cadeira, deixando pender os braços. Em seguida, recompôs-se, endireitou-se de novo na cadeira, para, finalmente, se pôr de pé e dizer com a voz embargada:

- Diga-me o que se passa com o meu filho!

- O seu filho vinha muito mal. Foi operado, mas não resistiu.

Sempre tinham razão de ser os pressentimentos que sentira e os pensamentos que o haviam afligido.

- O seu filho - prosseguiu o médico - foi ontem

a enterrar.

Francisco deixou-se cair lentamente na cadeira, fixando os olhos húmidos no chão e assim ficou por momentos, amarfanhando a aba do chapéu com as duas mãos. O médico respeitou a sua dor e o seu silêncio. Postou-se diante da janela, de face para a rua, mãos atrás das costas e esperou. Estava habituado a situações idênticas. Sabia o que custava perder um filho. Já tinha passado por isso.

Passado algum tempo, enquanto guardava no bolso das calças o lenço com que acabara de limpar as lágrimas que lhe escorriam abundantemente dos olhos, sem que, no entanto, se tivesse ouvido um soluço, Francisco, pondo-se de novo de pé, segurando com força o chapéu na mão direita, enquanto a esquerda se encrespava agarrando o alforge que tinha ao ombro, pediu ao médico que lhe contasse tudo.

Não tinha o médico muito para contar. O que sabia era o que constava das fichas clínicas que lhe haviam colocado em cima da secretária. Por isso, sentou-se na sua cadeira, pôs os óculos e, resumidamente, informou Francisco do que se passara.

Joaquim tinha sofrido um traumatismo craniano. Até podia ter-se salvo. Mas o tempo que

demorou a ser atendido e operado fez com que o seu estado se agravasse de tal modo que, apesar da operação, muito dificilmente recuperaria das lesões que sofrera. Tinha sido submetido a duas intervenções cirúrgicas, mal chegou ao hospital, mas haviam decorrido mais de dez horas sobre o acidente, segundo consta do relatório. Nos dias seguintes tentaram tudo, mas em vão. Faleceu. E como ninguém tinha aparecido para o visitar, mandaram avisar a família através do hospital concelhio. Tiveram de fazer o funeral.

Francisco ouviu tudo em silêncio. As explicações bastavam-lhe. Se o filho não estava vivo, para que queria muitas explicações.

Agradeceu ao médico, perguntou se devia alguma coisa e pediu que lhe indicasse o cemitério. O Director mandou chamar um funcionário, deu-lhe as instruções necessárias.

Despediu-se Francisco cortesmente e reparou que também o médico tinha os olhos húmidos.

Francisco estava destroçado. Não perdera a nobreza do porte, mas o semblante não escondia a dor enorme que lhe ia na alma. Perder um filho tão novo, na força da vida! Cerrando os dentes, tentou controlar-se, enquanto descia as escadas.

Não era muito longe o cemitério da Conchada.

Fizeram o trajecto a pé. O guarda consultou os livros de registo a pedido do funcionário do hospital e foi indicar-lhe a sepultura do filho. Era igual a muitas outras. De um lado, à cabeça, tinha uma cruz branca em madeira. Aos pés uma placa em ferro, espetada na terra molhada, tinha um número: 62.

Francisco ajoelhou-se, descobrindo-se; pôs as mão dirigidas ao céu. Assim ficou, sentado nos calcanhares, tempos esquecidos. Perdeu a noção do tempo. Fechou os olhos, esqueceu-se de comer. Não sentiu a chuva que caiu abundantemente durante todo o resto do dia. Foi assim, alheado, que o guarda do cemitério o encontrou ao fim do dia, quando percorreu o campo santo, antes de fechar as pesadas portas de ferro.

E da boca de Francisco só ouviu o guarda, quando o interpelou:

- Maldito minério!



GLOSSÁRIO

1 - acuso - denúncia

2 - aguilhada - vara, pau para tanger os bois

3 - apeguilho - conduto, acompanhamento

4 - arada - terra lavrada há pouco tempo

5 - carais - carago

6 - catração - pedaço grande, bocado

7 - chedas - peças principais que formam o carro de
bois

8 - coturno - meia grossa de lã

9 - demonho - demónio

10 - esfurunconchar - mexer na terra

11 - ganapos - garotos

12 - ganau - gado

13 - gavela - porção de palha de cereal ou erva

14 - joíça - trampa, merda

15 - mastiga - pedaço pequeno

16 - pilros - giestas grandes, variedade de giestas

17 - poldras - pedras assentes no leito de rio que
permitem a passagem a pé

18 - prosápia - lata, descaramento

19 - sacalão - abanão

20 - troitoira - peça de madeira que segura o eixo do
carro